



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Renata Oliveira Azeredo

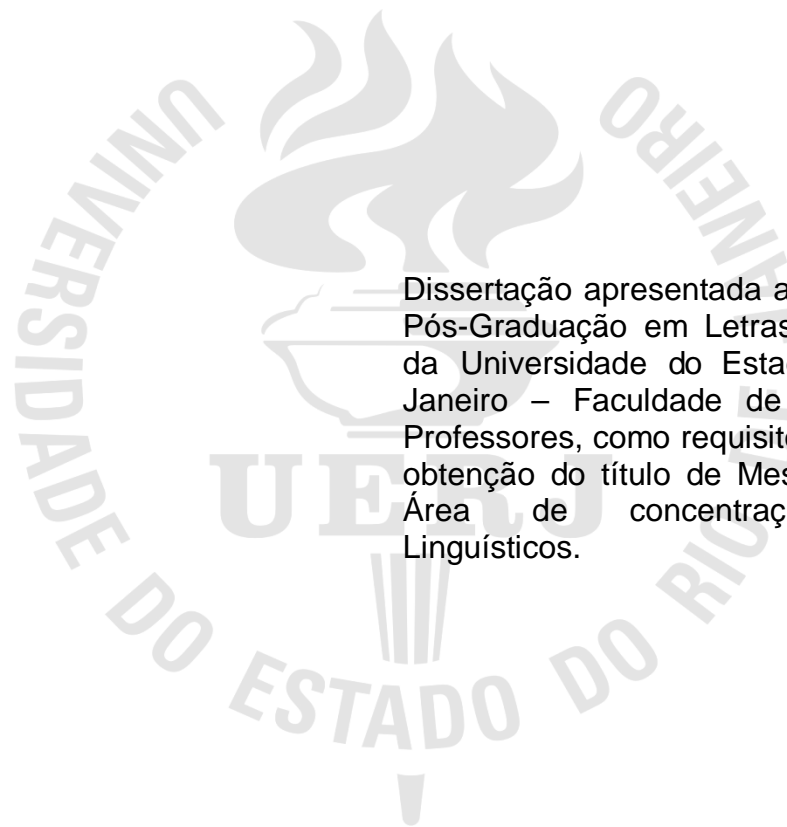
**Em tempos de golpe: reflexões sobre enunciados destacados nos
meios digitais**

São Gonçalo

2019

Renata Oliveira Azeredo

**Em tempos de golpe: reflexões sobre enunciados destacados nos meios
digitais**



Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Deusdará

São Gonçalo

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

A993 Azeredo, Renata Oliveira.
Em tempos de golpe: reflexões sobre enunciados destacados nos meios digitais / Renata Oliveira Azeredo. – 2019.
70f.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Deusdará.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Twitter (Rede social on-line) – Teses. I. Deusdará, Bruno. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Renata Oliveira Azeredo

**Em tempos de golpe:
reflexões sobre enunciados destacados nos meios digitais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Deusdará (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Isabel Cristina Moraes Bezerra
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da
Fonseca

São Gonçalo

2019

DEDICATÓRIA

- “Sabe, mãe, há momentos em que me sinto exausta... cansada dos estudos, sabe?”
- “Sei... mas estudar não cansa e só faz bem à alma...”
- “E você acha que devo encerrar após a conclusão do Mestrado?”
- “Encerrar seria bastante cruel, não acha? Pense no próximo sonho que vem depois: o Doutorado...”

Dedico este trabalho à minha mãe, professora por vocação, grande incentivadora de todos os meus projetos. A você, que me ensinou que mais importante que sonhar é ter coragem para trilhar o percurso. E que, no final, sorrir para a vida é a maior conquista de nós mesmos!

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por me permitir a concretização deste objetivo.

À minha família, por me apoiar e partilhar comigo esta vitória.

À UERJ, por garantir um ensino público de qualidade, apesar de todas as dificuldades pelas quais atravessa.

Ao professor e também Coordenador-geral da Pós-graduação, Marcos Wiedemer, pelo apoio e compreensão.

Ao meu orientador e amigo, Bruno Deusdará, que me fez descobrir os caminhos da Análise do Discurso e acreditou em mim, desde sempre. Ao longo dessa trajetória, dificuldades pessoais foram se multiplicando e você me ensinou também que, quando existe um sonho maior, as vitórias são reais. Obrigada, muito obrigada!

À professora Isabel Bezerra, de quem tive a honra de ser aluna e conhecer o lado humano e sensível, que me deu forças para persistir.

À professora Del Carmen, pelas aulas espetaculares e por abrilhantar este momento com suas contribuições.

Aos colegas da primeira turma do Mestrado, por termos inaugurado um curso que tem proporcionado tantas conquistas no meio acadêmico.

Às colegas de turma, Carolina, Leandra e Luanda, por se fazerem presentes de forma tão especial.

À funcionária Pollyana, pela presteza, dedicação e simpatia, que tornaram os dias na universidade muito mais alegres.

Às minhas irmãs de alma, Cristina Romano e Taiana Guimarães, por serem exemplos de amizade. Por saberem da importância do Mestrado para mim e estarem igualmente radiantes!

Aos que contribuem com uma educação de qualidade e que transformam a vida de muitas pessoas.

A todos que torceram por mim: obrigada!

Os caminhos não estão feitos, é andando que cada um de nós faz o seu próprio caminho. A estrada não está preparada para nos receber, é preciso que sejam os nossos pés a marcar o destino, destino ou objetivo ou que quer que seja.

José Saramago

RESUMO

AZEREDO, R.O. *Em tempos de golpe: reflexões sobre enunciados destacados nos meios digitais*. 2019. 70f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

O presente trabalho analisa os enunciados destacados na internet e na rede social *Twitter*, tematizando golpe em dois momentos: um relativo ao golpe militar de 1964 e o outro relacionado ao ocorrido em 2016, sendo as análises relativas a épocas posteriores aos acontecimentos políticos. O objetivo é investigar sentidos produzidos por ocasião do golpe nos meios virtuais, sob a ótica da Análise do Discurso de base francesa, considerando a produção e circulação de textos no ciberespaço como uma manifestação relacionada às formações discursivas examinadas. Para tanto, investigamos diversos conceitos, dentre eles: destacabilidade, sobreasseveração, aforização, panaforização, metaforização e o modo de propagação desses enunciados na mídia, estabelecendo variados sentidos na comunicação digital. Como fundamentos teóricos, utilizamos os ensinamentos de Dominique Maingueneau (1997, 2006, 2010, 2014, 2016), José Luiz Fiorin (2005, 2006), Michel Foucault (2012), Mikhail Bakhtin (1981, 2006), Oswald Ducrot (1987, 1989) e outros. Ao longo do trabalho, constatamos que, a partir da frase curta estudada, semelhantes surgiram e difundiram-se no meio eletrônico, fazendo alusão ao golpe. Além disso, notamos que o enunciado destacado produziu diferentes discursos, cujos efeitos de sentido iam além da seara política, mas também abordavam anseios sociais e históricos do povo brasileiro.

Palavras-chave: Enunciados destacados. Análise do discurso. Internet. Rede social. Golpe.

ABSTRACT

AZEREDO, R.O. *In times of 'coup': reflections about highlighted statements in the digital means*. 2019. 70f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

The present work aim to analyze some statements found on the Internet and on Twitter statements about 'coup' in two different periods: the one used in 1964 and the other used in 2016. It is worthy to mention that the analysis occurred after these times. The aim of the work is to look into the meanings of 'coup' used in virtual environment through French Discourse Analysis, considering the text production and its dissemination in the cyberspace as an expression of the examined discursive formation. In order to do the mentioned analysis, we studied many concepts, for an example: "sobreesseveração", "destacabilidade" and "aforização" and also the statement's way of spreading in the media and its possible meanings in digital communication. As theoretical grounds, we worked with Dominique Maingueneau, Mikhail Bakhtin, José Luiz Fiorin, Michel Foucault and Oswald Ducrot lessons, mostly. During the analysis, we could observe that similar statements came from a short sentence and that these similar ones have spread in virtual environment, making reference to 'a coup'. Besides, we could notice that the highlighted statement led to different kinds of speech, not only in the political scenario, but also to represent social and historical Brazilian people's needs.

Keywords: Highlighted statements. Speech Analysis. Internet. Social media. 'Coup'

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Pesquisa mais recente PNAD/IBGE 2016	18
Figura 2 –	Página de surgimento do perfil oficial Dilma Rousseff	22
Figura 3 –	Perfil oficial de Dilma Rousseff, em 2019, e número de seguidores	23
Figura 4 –	Como funciona o <i>Twitter</i>	24
Figura 5 –	Acessando a página principal do <i>Twitter</i>	25
Figura 6 –	Criando uma conta na rede social <i>Twitter</i>	25
Figura 7 –	A busca do Golpe Militar - Revista Exame no Google	26
Figura 8 –	A escolha das reportagens Revista Exame	27
Figura 9 –	Convocação para manifestação popular sobre o Golpe	29
Figura 10 –	Trecho de Estética da criação verbal, de Bakhtin	33
Figura 11 –	Negação polêmica	42
Figura 12 –	Declaração da atriz Regina Duarte	46
Figura 13 –	Pronunciamento de Lula	46
Figura 14 –	Campanha eleitoral em Fortaleza, em 2012	47
Figura 15 –	Esquema vetorial das ordens enunciativas proposto por Maingueneau	48
Figura 16 –	Esquema vetorial proposto por Maingueneau (2010) revisto por Baronas	48
Figura 17 –	Notícia sobre o retrocesso	58
Figura 18 –	Imagem sobre prevenção	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do discurso
CECIERJ	Centro de Ciências e Educação Superior à distância do Estado do Rio de Janeiro
CEDERJ	Centro de Educação Superior à distância do Estado do Rio de Janeiro
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FFP/UERJ	Faculdade de Formação de Professores da UERJ
Inca	Instituto Nacional do Câncer
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PVS	Pré-vestibular Social
STF	Supremo Tribunal Federal
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
TWITTER	Rede social
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UMP	União por um Movimento Popular

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	TRAJETÓRIA DA PESQUISA	15
1.1	Justificativa	15
1.2	Objetivos	20
1.2.1	<u>Objetivos específicos</u>	20
1.3	Metodologia	20
1.4	Delimitação do estudo	28
2	ANÁLISE DO DISCURSO: REFERENCIAL TEÓRICO	32
2.1	Noções introdutórias em Análise do Discurso	32
2.2	Gêneros do discurso	34
2.3	Heterogeneidade e discurso relatado	37
2.4	Polifonia e negação polêmica	39
2.5	Enunciados destacados	42
2.5.1	<u>Destacabilidade, aforização, sobreasseveração, panaforização e metaforização</u>	43
3	CADA FLASH UM GOLPE: O DEBATE NA ATUALIDADE	50
3.1	Análises 1 e 2: Golpe militar ou simples movimento?	50
3.1.1	<u>Análise 1 - Nem golpe, nem revolução: um simples “movimento”</u>	50
3.1.2	<u>Análise 2 - Nem simples, nem democrático: um regime de exceção</u>	56
3.2	Análises 3 e 4: Golpe de 2016 ou atentado à saúde?	58
3.2.1	<u>Análise 3 - A realidade do retrocesso (ou voltando 20 anos em 2)</u>	58
3.2.2	<u>Análise 4 – Um golpe fatal à saúde ou como extinguir a democracia</u>	60
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65

REFERÊNCIAS.....

67

INTRODUÇÃO

Discurso é um fenômeno social em todas as esferas de sua existência.

M. Bakhtin

O desejo de aprofundar os estudos neste Mestrado em Estudos Linguísticos decorre da necessidade que senti, a partir da atividade docente exercida, de professora de Redação, em dois ambientes bem diversos. O primeiro deles foi exercido na rede pública, com alunos cursando o último ano do Ensino Médio ou aqueles que tivessem concluído tal ciclo. Já o outro foi na Educação Básica, em Niterói, na atuação em uma escola da rede privada de ensino.

Nas duas circunstâncias, capacitações foram realizadas por Coordenadores com *expertise* na área, ambos vindos de escolas privadas de renome no Estado do Rio de Janeiro. O intuito era o de dar suporte ao professor em sala de aula, especialmente em prepará-lo a seguir parâmetros de correção de prova que se coadunassem com o que as bancas do ENEM cobrariam dos alunos, para que esses obtivessem os melhores resultados.

Em 2008, a primeira situação, foi no Pré-Vestibular Social CEDERJ (PVS)¹ e, para exercer essa atividade, me inscrevi no exame de seleção, o qual consistia na realização de duas fases, sendo a primeira composta de Prova de Língua Portuguesa e de Conteúdo Específico e a segunda de Prova Didática. Após tais etapas, realizei uma preparação, cuja finalidade era compreender sobre técnicas e métodos que seriam utilizados em sala de aula e na correção de atividades da disciplina.

Na atividade com o Coordenador da disciplina de Redação, reparei que a abordagem dos textos de apoio, que constavam nas propostas de elaboração aos alunos, era direcionada a pontos de vista específicos, os quais encaminhariam o aluno a discorrer sobre determinados aspectos que deveriam estar obrigatoriamente

¹ Pré-Vestibular Social CEDERJ (PVS) - projeto de iniciativa do Governo do Estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Social e da Fundação CECIERJ, ainda em funcionamento.

presentes para que fosse considerado um texto em potencial para receber a nota máxima.

Embora a postura adotada pelo Coordenador estivesse em consonância com o que seriam “diretrizes” ao professor de Redação, que aperfeiçoariam as possibilidades de os alunos obterem grande êxito no ENEM e, sem adentrar no mérito da avaliação em si, o que me incomodava era a abordagem que se fazia dos textos de apoio e do que se esperava da argumentação do aluno, uma vez que compreensão do material apresentado era realizada de maneira restrita.

Por outro lado, é necessário assinalar que não estamos falando de infinitas possibilidades de interpretação dos textos de apoio e da elaboração da Redação, já que, obviamente, o tema é delimitado pela banca e a fuga ao solicitado representa uma nota zero ao aluno. O que precisa ser revisto, a meu ver, é que as possibilidades não são infinitas, mas são em número superior ao que as bancas publicam como padrão de resposta.

Posteriormente, em 2015, tive a experiência docente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Redação, em uma escola particular, em Niterói/RJ. Na ocasião, participei de uma atualização com o Coordenador, só que agora seria para correção de provas do ENEM. Por ser uma rede particular, com mais cobranças aos professores e à Escola quanto aos resultados para aprovação dos alunos em faculdades públicas, comecei a refletir sobre os chamados “padrões de resposta do ENEM”, quando me deparava com Redações de alunos, nas quais era quase impossível perceber os critérios de avaliação que determinavam o que seria um “aluno Nota 10”.

No caso em tela, ficou bastante evidente que aquele incômodo me faria percorrer um caminho de aprofundamento em questões de linguagem, de uma maneira que permitisse conduzir meu aluno a ponderações que não seriam obrigatoriamente às desejadas ou esperadas por uma banca de qualquer concurso, mas seriam, em especial, aquelas que permitiriam uma análise de textos que formariam determinado discurso. Era chegado o momento do Mestrado.

Iniciadas as inscrições para o exame, não sabia exatamente qual seria o meu objeto de estudo, dada a vastidão de assuntos. O que já era uma convicção era que meu desejo seria trabalhar com área afim à Semântica, aos sentidos diversos que um discurso pode assumir. Dessa forma, após arguição do projeto e escolha do

orientador, comecei a me interessar pela Análise do Discurso, a qual seria também uma descoberta pelos caminhos da Linguística.

Desse modo, este trabalho está inserido no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP/UERJ, cuja área de concentração é em Estudos Linguísticos, com ênfase na linha de pesquisa Linguagem e Sociedade, a qual focaliza a dinâmica de funcionamento dos discursos, bem como as condições históricas, sociais e ideológicas de sua realização. Ademais, aprofunda-se na produção dos textos escritos, observando processos de variação/mudança, baseados nos conceitos sincronia e diacronia.

O projeto foi elaborado a partir do grito surgido nas ruas, qual seja, “Não vai ter golpe”, pois percebi que o movimento foi tomando uma proporção imensa e fomentando inúmeros sentidos, gerando páginas nas redes sociais e na mídia em geral. Foi um episódio com discursos sendo projetados, impostos, discutidos, reproduzidos. Era a ligação imediata da minha experiência docente, sendo direcionada a conduzir os alunos a pensar nos textos de apoio como circuitos fechados, sem grande flexibilidade e uma realidade política, que construía discursos quase instantaneamente e que os efeitos acarretados por eles não eram ou não deveriam ser, em última análise, intocáveis, já que geravam sentidos nos mais variados cenários.

Com relação à organização do presente estudo, no capítulo 1, abordarei conteúdos associados à trajetória da pesquisa, tais como: justificativa, objetivos, metodologia e delimitação do estudo. No capítulo 2, observarei referenciais teóricos da Análise do Discurso, percorrendo desde gêneros do discurso, heterogeneidade, discurso relatado, polifonia e negação polêmica até enunciados destacados, cujos conceitos de destacabilidade, aforização, sobreasseveração, panaforização e metaforização serão também explorados. Por último, o capítulo 3, apresentarei as análises do *corpus* da pesquisa, sendo as Análises 1 e 2: golpe militar ou simples movimento?, relativas a reportagens da Revista Exame Digital, enquanto as Análises 3 e 4: Golpe de 2016 ou atentado à saúde?, pertinentes à rede social *Twitter*.

1 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

1.1 Justificativa

Como já observava desde o momento de interesse pelo tema analisado, notei que os eventos recentes da vida republicana brasileira parecem indicar que a internet ocupa posição de destaque no cotidiano das pessoas, interferindo no comportamento da sociedade, seja através da utilização de ferramentas tecnológicas que permitem a leitura de periódicos virtuais, a obtenção de certidões, o pagamento de contas, bem como a interação virtual propiciada pelas redes sociais.

Essa capacidade de mudança das relações é justificada pela rapidez da circulação de informações, através do processo de globalização, o qual propicia o acesso a notícias, em nível mundial. Podemos constatar que os processos envolvendo mídias sociais e tecnologias alteraram a forma como as interações sociais encaminham-se na contemporaneidade.

Logo, constatei que a mídia digital desempenha uma função primordial no modo como as relações são compostas e se transformam ao longo do espaço/tempo, sem que haja, com isso, uma valoração necessariamente positiva. A intensa utilização de aplicativos e redes sociais também pode, por exemplo, exacerbar as formas de apropriação do uso das tecnologias para ampliar as formas de trabalho, desgaste físico e psíquico.

Outro aspecto interessante é que a internet, além de poder ser acessada mundialmente, também possui um custo financeiro relativamente baixo, embora ainda não seja disponibilizada, sem custos, a todas as camadas sociais. Em contrapartida, é imperioso apontar que é um ambiente que proporciona a comunicação com um valor monetário reduzido, se comparado aos demais meios de divulgação, tais como jornais e revistas impressos.

Em relação ao comportamento dos usuários das redes sociais, vale frisar que muitas relações são apoiadas nos anseios e valores mútuos da coletividade, o que promove um engajamento político e social entre seus integrantes. Tal empenho faz com que os usuários daquela rede participem de maneira mais ativa nas decisões

políticas e interferiram em perspectivas sociais, anteriormente reservadas aos governantes e aos envolvidos nos processos decisórios de maneira formal, como nos abaixo-assinados e petições públicas online.

Neste estudo, intitulado “Em tempos de golpe: reflexões sobre enunciados destacados nos meios digitais”, exploramos a discussão a respeito do debate em torno do golpe, por considerar a centralidade que a referida questão assumiu na cena pública contemporânea no Brasil. Não são poucos os relatos acerca do acirramento das tensões familiares ou em grupos de amigos polarizadas pelas posições assumidas por seus membros entre favoráveis e contrários à ideia de que tenha havido algum tipo de golpe na cena política.

Desse modo, entendemos que a tematização do “golpe” permite dar acesso a um fenômeno que ultrapassa sua circunscrição na cena política institucional, nas Casas Legislativas brasileiras e passa a integrar, de diferentes maneiras, a vida social cotidiana, atravessando os diversos modos de viver coletivamente que, até então aparentemente poderiam prescindir de sua vinculação com a cena política institucional. Para ter acesso às tensões que constituem esse debate, selecionamos reportagens da Revista Exame Digital (<<https://exame.abril.com.br/>>) e postagens na rede social *Twitter* (<<https://twitter.com/>>), do ano de 2018, por considerar que o *corpus* escolhido traria consideráveis elementos discursivos de investigação, concernentes à Análise do Discurso.

A pesquisa possui como embasamento teórico a Análise do Discurso de linha francesa e a trajetória apresentada no Círculo de Bakhtin, estando ancorada nos pensamentos dos teóricos Dominique Maingueneau (1997, 2006, 2010, 2014, 2016), José Luiz Fiorin (2005, 2006), Michel Foucault (2012), Mikhail Bakhtin (1981, 2006), Oswald Ducrot (1987, 1989) e outros.

As análises deste trabalho envolvem o golpe em dois momentos, sendo que, em ambos, os presidentes brasileiros eleitos democraticamente foram destituídos do cargo. O primeiro evento relaciona-se ao golpe de Estado de 1964, que acarretou a saída do presidente João Goulart (também conhecido como *Jango*). Já o segundo, mais recente, acarretou o fim do governo de Dilma Rousseff, em 2016.

Logo, a velocidade de transmissão dos dados na internet e nas redes sociais fez com que as pequenas frases circulassem em variados suportes, destacadas de seus contextos originais, potencializando os efeitos de sentido, conforme constataremos nas análises realizadas.

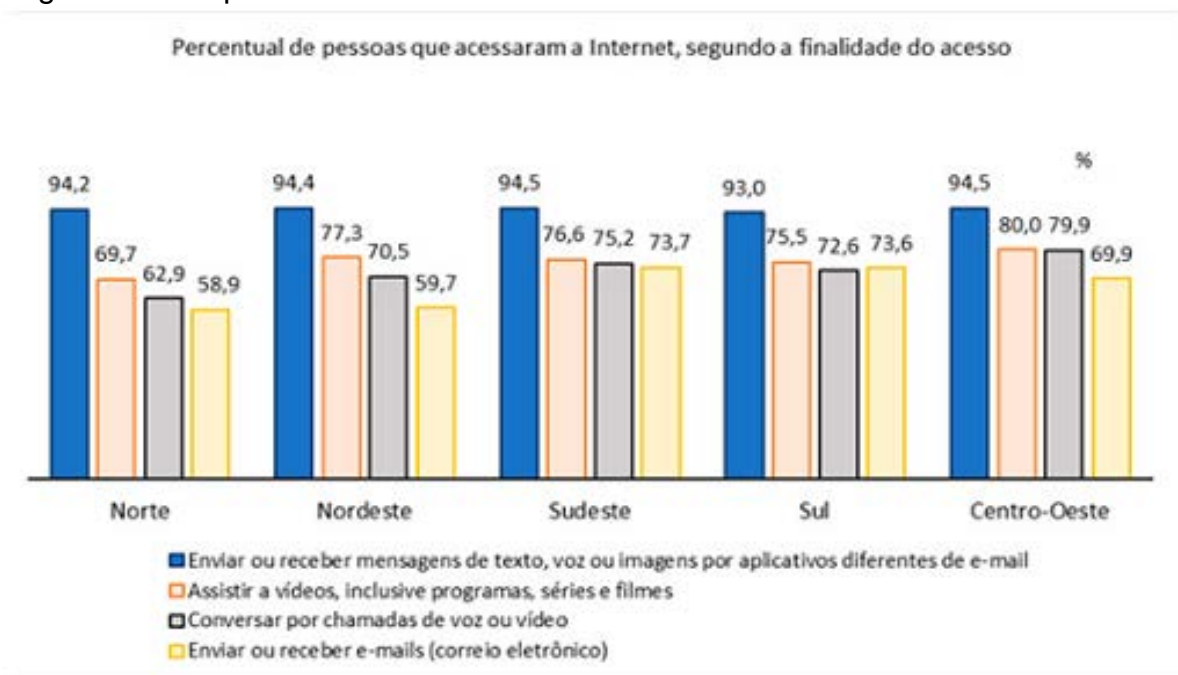
Para exemplificar sobre o grau de importância da internet, na atualidade, de acordo com o site de tecnologia Techtudo, um relatório promovido pela agência *We Are Social* e pela plataforma *Hootsuite*, do ano de 2018, verificou-se que os brasileiros gastam, aproximadamente, 9 (nove) horas diárias conectados, sendo o terceiro povo no mundo que mais fica na rede, perdendo para a Tailândia, que ocupa a primeira posição.

Em relação às redes sociais, conforme dados comprovados pelo site acima mencionado, o percentual da população brasileira conectada é de 62% e o tempo gasto nesse acesso é de mais de 3 (três) horas. Ainda, 130 milhões de brasileiros utilizam as redes sociais, sendo que 120 milhões realizam o acesso através de seus celulares. Esse número representa 57% do total da população brasileira. Outro dado de grande relevo da referida pesquisa é que de 5 aplicativos baixados no Brasil, 4 são de interação social, o que também confirma uma tendência nacional pelo interesse em participar de redes sociais. Vejamos:

WhatsApp, Facebook, Facebook Messenger, Instagram e Uber foram, nessa ordem, as aplicações de smartphone com mais downloads em 2017, de acordo com os dados do site App Annie. No mundo, o top 5 é um pouco diferente: Facebook Messenger, Facebook, WhatsApp, Instagram e Snapchat. (COELHO, 2018).

De acordo com a finalidade de acesso, uma pesquisa realizada pelo IBGE, denominada Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua TIC 2016) revelou que, em todos os estados do país, das pessoas que utilizam a internet, 93% ou mais, realizam tal ação para “enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail”, conforme se constata a seguir:

Figura 1 - Pesquisa mais recente PNAD/IBGE 2016



Fonte: IBGE – Agência de Notícias.²

Por isso, quando falamos em virtualidade, fica evidente que a popularização da internet, na década de 90, modificou o convívio social e a globalização também possibilitou um intercâmbio de informações, estabelecendo um fluxo de comunicação entre as pessoas, cuja perspectiva interfere nas conjunturas sociais.

Em relação ao comportamento do sujeito, tanto a internet, como as redes sociais realçam as mudanças de paradigmas que o acompanha, posto que o indivíduo não precisa estar atrelado a um nenhum site ou grupo em definitivo; ele pode simplesmente deslocar-se para outro lugar, característica inerente ao universo virtual. Daí porque o renomado sociólogo Zygmunt Bauman³ insistiu tanto em destacar a palavra “fluidez” para explicitar tal momento:

Estamos agora passando da fase “sólida” modernidade para a fase “fluida”. E os líquidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, ao menos que sejam derramados em um recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluido não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as

² Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-izeram-para-trocar-mensagens>. Acesso em: 15 jul. 2017.

³ Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um filósofo e sociólogo polonês, que se destacou mundialmente pelo conceito de “relações líquidas”, por entender que, na atualidade, os laços humanos não são duradouros. Também professor, o autor escreveu diversos livros, tendo recebido os prêmios Amalfi (em 1989, por seu livro *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (em 1998, pelo conjunto de sua obra).

duas possibilidades. Não se pode esperar que as estruturas quando (se) disponíveis durem muito tempo. (BAUMAN, 2005, p. 57).

De acordo com o sociólogo, a opção pela utilização da expressão "modernidade líquida" associa-se aos princípios do capitalismo, os quais estabelecem uma fluidez de padrões, tanto nos valores socioculturais e morais, como nos de consumo. Observemos:

O consumismo hoje, porém, não diz respeito à satisfação das necessidades – nem mesmo as mais sublimes, distantes (alguns diriam, não muito corretamente, “artificiais”, “inventadas”) necessidades de identificação ou a autosssegurança quanto à “adequação”. Já foi dito que o *spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de “necessidades” articuladas, mas o *desejo* – entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não referencial [...], o desejo tem si mesmo como objeto hoje, constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável, qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que marcam seu passado (BAUMAN, 2001, p. 96).

Com efeito, é possível compreender que o “consumismo” a que o autor se refere não se restringe aos bens de consumo materiais, mas também às informações, às diversas semioses que circulam pelos aparelhos que carregamos no cotidiano, que nos chegam pelas televisões e que se multiplicam pelas variadas formas divulgação de signos verbais, musicais, imagéticos, entre outras materialidades. Para o autor, instaura-se, uma nova ordem social, amparada apenas pela concretização do momento presente: “O tempo instantâneo e sem substância do mundo do *software* é também um tempo sem consequências. “Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” – mas também exaustão e desaparecimento do interesse” (BAUMAN, 2001, p. 150).

Em relação à relevância, vale frisar que a forma de circulação do evento golpe nos meios eletrônicos fez com que o sentido do acontecimento fosse ressignificado e, embora trate de situações ocorridas em épocas e suportes diversos, convergem por serem episódios de cunho social e histórico de grande repercussão política e que simbolizam o aparecimento de vozes no discurso, tendo em vista que ambos fazem parte do universo da comunicação digital.

Vale lembrar ainda que, como todo trabalho científico, este estudo também é permeado por desafios, cabendo ao pesquisador a tarefa de perceber a dimensão social e histórica que envolve as questões suscitadas. No presente caso, por

exemplo, há uma abordagem específica sobre política no Brasil, mas não se pode esquecer o contexto no qual foi produzida.

1.2 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é investigar, a partir de conceitos da Análise do Discurso, os sentidos acarretados por ocasião do golpe em dois momentos distintos: um relativo ao de 1964 e o outro, ocorrido em 2016, de forma a possibilitar a verificação das perspectivas processadas e a maneira como podem interferir na realidade de um país.

1.2.1 Objetivos específicos

- a) estudar conceitos de Análise do Discurso, no *corpus* trabalhado;
- b) identificar os sentidos atribuídos a “golpe”, em cada uma das ocorrências;
- c) analisar as vozes reivindicadas para o debate;
- d) refletir sobre as contribuições do trabalho para o processo de ensino em sala de aula.

1.3 Metodologia


Inicialmente, o intuito no desenvolvimento da pesquisa restringia-se a observar o enunciado “Não vai ter golpe” e sua repercussão na internet, desde o início do movimento, em 2015, até o ano de 2018, ou seja, período após o *impeachment* de Dilma Rousseff. Assim, foi monitorada a maior quantidade de notícias que continham o assunto, em diversos suportes, tais como: jornais e revistas digitais, *blogs*, redes sociais *Facebook* e *Twitter*.


Ao realizar pesquisas no site de busca Google sobre o enunciado “Não vai ter golpe”, tive acesso a uma série de notícias que remetiam ao assunto; um conjunto bastante diverso que encaminhava a suportes distintos, como sites, jornais, revistas, dentre outros, o que demandou critérios para um recorte por parte da análise. Dada a amplitude e força da expressão na mídia e nos movimentos sociais, verifiquei que o enunciado teria de ser estudado em algum espaço específico de circulação, e, por isso, deixei de lado as publicações na internet como um todo, já que a delimitação na escolha do *corpus* era fundamental para o alcance dos objetivos almejados.


Ao longo desse trajeto, localizei conteúdos nas redes sociais *Facebook* e no *Twitter*, respectivamente, contendo o assunto relacionado, por exemplo, aos grupos “Não vai ter golpe”, “Foi Golpe Sim”, “Não vai ter Dilma”; e a página oficial de Dilma Rousseff (@dilmabr), cujo surgimento foi em 21 de outubro de 2017 (Figura 2). Em um primeiro gesto, percorri cada um desses suportes e encontrei perfis com maior frequência de postagens e modalidades de interação. Outros, porém, pareciam estar bastante interessados em alguns eventos, em especial. Em um primeiro momento, o critério cronológico não produziu os efeitos mais interessantes, considerando que cada perfil mantinha um tipo de interação distinto do outro. À primeira vista, não pareceu ser possível optar por determinadas datas e cruzar as postagens, de modo que se pudesse apreender sentidos sendo atribuídos ao “golpe”.


Optei pela não utilização do *Facebook*, pois os referidos grupos foram sendo desfeitos ou as postagens reduziram de forma tão acentuada após o golpe, que o conteúdo investigado perdeu relevância para o percurso discursivo de análise pretendido por este trabalho. Tal situação não se efetou no *Twitter* @dilmabr, que se mantém ativo e exibindo postagem já em 2019, contando com 6,07 milhões de seguidores (Figura 3).



Figura 2 - Página de surgimento do perfil oficial Dilma Rousseff


 **Dilma Rousseff** 
7,774 Tweets



 **Dilma Rousseff**  @dil... · Oct 21, 2017 
Maldonado nunca mais foi visto, até seu corpo ser encontrado, ontem, e reconhecido pela família. Os criminosos têm que ser punidos.

 143  1.6K  3.6K 

 **Dilma Rousseff**  @dil... · Oct 21, 2017 
Tudo indica que foi detido pela polícia subordinada ao governo argentino, durante um ato em defesa dos direitos indígenas.

 1.1K  1K  2.3K 

 **Dilma Rousseff**  @dil... · Oct 21, 2017 
O corpo do ativista de direitos humanos argentino Santiago Maldonado, desaparecido desde 1º de agosto, foi encontrado.

 47  456  905 

Fonte: Twitter/@dilmabr.⁴

⁴ Acesso em: 10 jan. 2018.

Figura 3 - Perfil oficial de Dilma Rousseff, em 2019, e número de seguidores

The image shows the Twitter profile of Dilma Rousseff (@dilmabr) as of January 7, 2019. The profile header includes a banner image of her at a public event, a circular profile picture, and statistics: 7,758 tweets, 399 accounts followed, 6,07 million followers, and 116 retweets. The bio identifies her as the president of Brazil, elected in 2010. A tweet from January 7, 2019, is visible, discussing military bases in Brazil. The tweet text is: "A FANTASIA DA BASE MILITAR DOS EUA NO BRASIL. Uma base no Brasil só teria algum sentido se o Brasil estivesse sob ameaça de invasão, mas quem seria o invasor? ARTIGO DE ANDRÉ ARAÚJO, publicado no GGN. No link dilmabr.com.br/fantasia-da-ba...". The tweet has 463 replies, 421 retweets, and 2,000 likes. On the right side, there is a "Novo no Twitter?" section with a "Inscreva-se" button and a "Você também pode gostar" section with an "Atualizar" button.

Fonte: Twitter/@dilmabr.⁵

Em vista dessa escolha, é imperioso discorrer sobre o *Twitter*. Cabe sublinhar que, de acordo com Jesus (2012), podemos assim defini-lo:

O *Twitter* é uma das redes sociais mais popularizadas do mundo. Nele você pode publicar mensagens em até 280 caracteres, links de vídeo e fotos para seus seguidores conferirem o que você está fazendo, onde está ou até mesmo o que você acha de um determinado assunto. Da mesma forma, na rede social você recebe informações e interage com as pessoas que segue. (JESUS, 2012).

A reportagem a seguir, publicada pelo Jornal Extra, versão online, explica o que é e como funciona a rede social *Twitter*, informando o que é necessário fazer para conquistar apreciadores e seguir outros *twitters*.

⁵ Acesso em: 07 jan. 2019.

Figura 4 – Como funciona o *Twitter***EXTRA** TV e Lazer

30/08/09 08:00 12/12/10 22:41

O que é e como funciona o Twitter

Carla Felicia

O que é o Twitter? É um microblog em que cada pessoa só pode escrever textos com até 140 caracteres de cada vez.

Como se inscrever? Vá até o site www.twitter.com e faça um cadastro.

Como funciona?

1 - Para postar: escreva um texto de até 140 caracteres no espaço abaixo da frase "What are you doing?" ("O que você está fazendo?") e clique em "update".

2 - Para seguir outros twitters: vá até a página da pessoa que você quer seguir e clique em "Follow". Se o perfil da pessoa for aberto, você passa a receber, automaticamente, todas as atualizações que ela fizer. Se for fechado, precisa esperar a autorização (a boa notícia é que os artistas querem aumentar o número de seguidores, então mantêm os perfis abertos). Se você não tiver o endereço de quem procura, vá em "Find people" e digite o nome que deseja encontrar. No caso das celebridades, tome cuidado com os perfis falsos.

3 - Para conquistar seguidores: divulgue seu endereço para os amigos. Se a sua intenção for ter muitos seguidores, deixe seu perfil aberto. Assim quem quiser te seguir, só precisa clicar no "Follow" da sua página. Caso queira restringir o acesso às suas atualizações, vá em "settings" e clique em "Protect my updates". Assim só quem você autorizar vai poder ler o que você escrever. Lembre-se que se o seu perfil for aberto qualquer pessoa poderá ler seus posts.

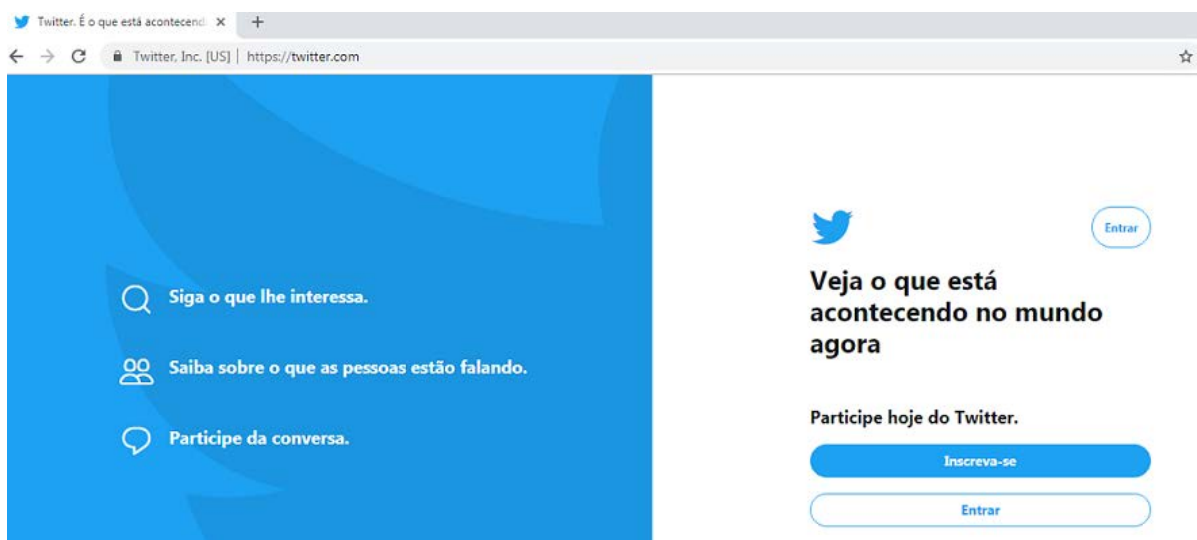
O Sessão Extra e o Jornal Extra estão no Twitter! Acesse twitter.com/sessãoextra e twitter.com/JornalExtra.

Fonte: Jornal Extra, 2010.⁶

⁶ Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/o-que-e-como-funciona-twitter-396208.html>. Acesso em: 10 jan 2018.

Para ter acesso ao *Twitter*, é necessário criar uma conta, acessando o endereço eletrônico <https://twitter.com/>, como se confirma:

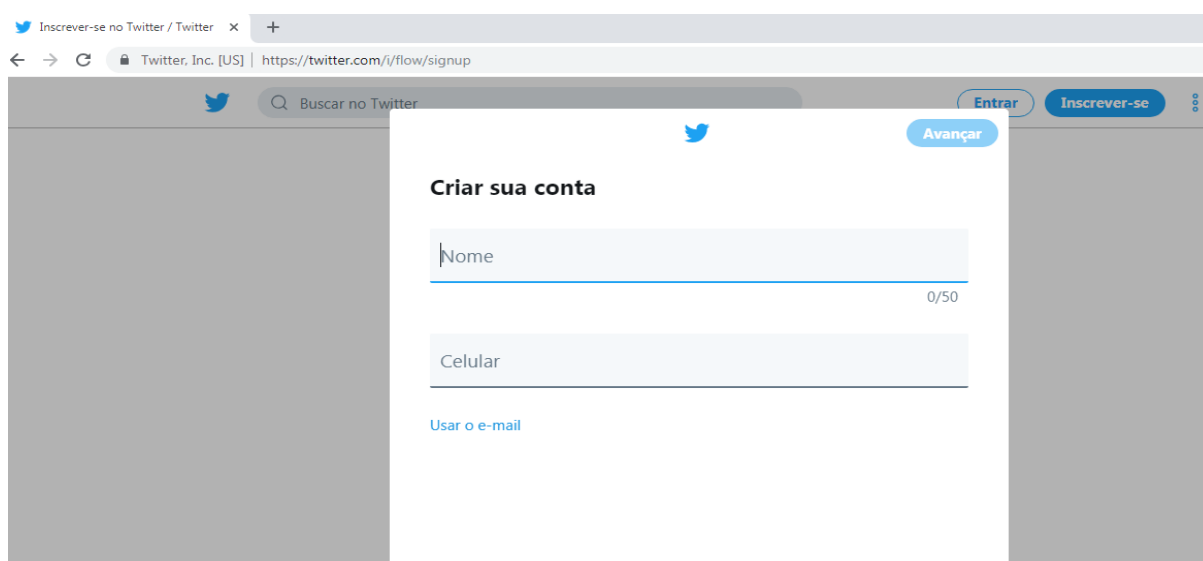
Figura 5 – Acessando a página principal do *Twitter*



Fonte: *Twitter*.⁷

Após o acesso ao site, o interessado terá a opção de “entrar”, caso já esteja cadastrado na rede social ou de “inscrever-se”, quando será direcionado para tela a seguir, a qual deverá preencher alguns dados cadastrais, como nome ou celular/endereço eletrônico:

Figura 6 – Criando uma conta na rede social *Twitter*



Fonte: *Twitter*.⁸

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/login?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2016.

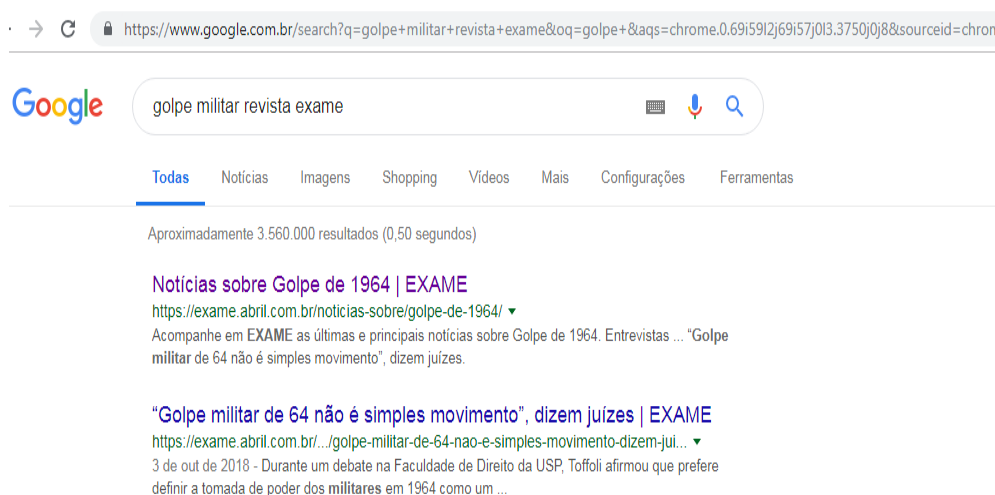
Já com o acesso liberado ao *Twitter*, o usuário poderá adotar a aparência que desejar, divulgando conteúdos, acompanhando e tendo suas postagens seguidas por outros integrantes, sendo essas algumas das opções permitidas pela rede. Além disso, como funciona como um *microblog* (texto curto), uma das suas funcionalidades é o compartilhamento de fotos e vídeos.

No decorrer da pesquisa, acessando o meu *Facebook* pessoal, visualizei uma notícia relacionada ao golpe militar, publicada na Revista Exame Digital.⁹ Por envolver o assunto pesquisado, embora em outra época, realizei a leitura da reportagem, cujo título era: Toffoli diz que prefere chamar golpe militar de “movimento de 64”, publicada em 01 de outubro de 2018.¹⁰

Nesse momento, indaguei-me porque não realizar um estudo sobre os dois momentos políticos, que culminaram na saída forçada dos Presidentes da República do Brasil em exercício, já que isso possibilitaria uma abordagem mais interessante, sob o aspecto discursivo, de dois eventos de grande relevância para o trabalho.

Em outubro de 2018, decidida por focar tais episódios, digitei na busca geral do Google: golpe militar revista exame (sem aspas). Conforme se verifica abaixo, o primeiro resultado apresentado foi: “notícias sobre Golpe de 1964”.

Figura 7 – A busca do Golpe Militar - Revista Exame no Google



Fonte: Google.¹¹

⁹ Disponível em: (<https://www.facebook.com/Exame/>).

¹⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=https%3A%2F%2Fexame.abril.com.br%2Fbrasil%2Ft-offoli-cita-historiador-e-diz-que-brasil-teve-movimento-de-64%2F>.

¹¹ Disponível em: <https://www.google.com.br/>. Acesso em: 05 out. 2018.

Ao clicar no link: <https://exame.abril.com.br/noticias-sobre/golpe-de-1964/> e percorrer o site da Revista Exame Digital, notei a existência de duas notícias com títulos contraditórios (imagem a seguir), envolvendo a polêmica do golpe militar como “movimento de 1964”, sendo que uma reportagem datada de 01 de outubro de 2018 (já mencionada) e a outra, do dia 03 de outubro de 2018, essa última refutando os argumentos da anterior, referente à declaração do atual Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). Sob o ponto de vista dos objetivos traçados nesta pesquisa, as análises das notícias escolhidas envolveriam conceituações interessantes do âmbito da Análise do Discurso, motivo pelo qual integram o presente estudo.

Figura 8 – A escolha das reportagens Revista Exame



Fonte: Revista Exame.¹²

Isso posto, o *corpus* constituiu-se no registro de capturas de tela de publicações da Revista Exame Digital, para o primeiro momento do acontecimento político (golpe militar de 1964) e, da rede social *Twitter*, no segundo momento (golpe de 2016), sendo as análises relativas a épocas posteriores aos acontecimentos políticos, quais sejam, o ano de 2018, estando a seleção do material analisado pautada na presença de elementos discursivos relevantes, que me permitiriam explorar os enunciados destacados, na esfera midiática.

¹² Disponível em: <https://exame.abril.com.br/noticias-sobre/golpe-de-1964/>. Acesso em: 05 out. 2018.

Frise-se que, em relação ao *Twitter*, a escolha ocorreu após acompanhar a página @dilmabr, no ano de 2018 e escolher uma postagem, na data de 19 de maio, relacionada ao golpe de 2016, mas que, além disso, continha a possibilidade de abordagem dos enunciados destacados, objeto de interesse a esta pesquisa, além de outros elementos discursivos importantes em Análise do Discurso. Desse modo, o hibridismo que caracteriza a postagem pareceu constituir um critério produtivo, dado que uma publicação no *Twitter* remetia a um texto publicado em outro suporte.

Considerou-se, portanto, de grande interesse para as análises, as frases curtas ou enunciados destacados nessas páginas, tendo em vista a construção de sentidos que se estabelecia e o discurso que ia sendo construído, amparados nos trechos.

A partir do material eleito, a pesquisa encaminhou-se para abordagem das questões suscitadas, introduzindo-se os enunciados-fonte para que se pudesse demonstrar de que forma os textos que circulam na mídia produzem sentidos diferenciados, ao serem destacados em pequenas frases.

1.4 Delimitação do estudo

É necessário, antes de tudo, situar o processo de *impeachment* no tempo, estando compreendido no período de 2 de dezembro de 2015 e 31 de agosto de 2016, nos dizeres dos pesquisadores Bruno Deusdará e Paula Gesteira.

Nesse período, sem ser possível precisar o momento de surgimento desse enunciado, o “Não vai ter golpe” surge como uma tomada de posição e, simultaneamente, uma espécie de palavra de ordem. Trata-se de um movimento a favor de Dilma Rousseff, quando surgiram propostas de *impeachment* à governante, no final do ano de 2015, cujo ápice ocorreu no dia 31 de março de 2016 (mesmo dia da rebelião militar de 1964). É preciso sublinhar que a intensa produção e circulação desse enunciado sugere uma polêmica, à qual o enunciador se opõe (uma espécie de “anúncio”) e uma pretensa interdição por parte de seus apoiadores, como podemos notar na imagem a seguir, publicada em 29 de março de 2016 e retirada do *Twitter*.

Figura 9 – Convocação para manifestação popular sobre o Golpe



Fonte: *Twitter*.¹³

O tema objeto deste trabalho enfatiza acontecimentos da sociedade brasileira envolvendo eventos políticos marcantes para a história do país, partindo-se da concepção dialógica defendida por Bakhtin (1992), no sentido de que a linguagem pressupõe uma interação entre os falantes e as manifestações revelam pontos de vista sobre diversos assuntos da realidade, na medida dinâmica que os fatos efetivamente acontecem.

Para Bakhtin, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (2004, p. 113), o que implica dizer que a escolha de certa

¹³ Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 29 mar. 2016.

palavra e o sentido por ela produzido será influenciado por uma diversidade de fatores, tendo em vista que “ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém” (BAKHTIN, 1981, p. 113). Nos dizeres do autor:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em direção a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2006, p. 132).

Ademais, é notório que as mídias sociais exercem, cada vez mais, um papel de intervenção na formação de opinião, possibilitando debate, interação e formação discursiva, a qual vai se delineando no espaço virtual e marcando a identificação ou não dos usuários na rede. De acordo com Maingueneau, a interação ressalta a posição do enunciador no discurso:

o enunciador não é um ponto de origem estável que se “expressaria” dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado. (MAINGUENEAU, 2005, p. 75).

Consideramos que o discurso é situado no mundo sócio-histórico e cultural em que ocorre, possuindo papel indispensável na organização da vida social e que a linguagem social é construída a partir do uso em determinadas realidades ou, no dizeres de Bakhtin (1992, p. 41), “a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”, as análises deste estudo foram desenvolvidas sob um ponto de vista discursivo-enunciativo.

Adotamos a tese defendida por Bakhtin (1992) de que o fato social está incorporado à língua e, portanto, ambos não podem ser estudados de forma isolada. Assim, a enunciação seria decorrente da interação social, ou seja, resultante da realidade exterior na qual o indivíduo está inserido, não sendo uma atribuição subjetiva do falante. Vejamos:

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos

enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. (BAKHTIN, [1979]; 2003:297).

Como se observa, para o autor, o enunciado não assenta sua significação sobre a estrutura gramatical que está na base de sua organização. Cada enunciado se constrói com elementos de outros enunciados. Na voz do locutor, outras vozes ressoam, deixando ou não marcas materiais de sua presença. Essa presença de um enunciado em outro caracteriza-se como uma espécie de diálogo: o material verbal produzido pelo locutor em situação concreta estabelece um tipo de diálogo com uma massa verbal anterior. Esse diálogo contém um posicionamento: “ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta”. É o que constatamos a seguir:

Pode-se dizer que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis. Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ideologia do cotidiano, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. [...] Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. (BAKHTIN, 2004, p.118-119).

2 ANÁLISE DO DISCURSO: REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Noções introdutórias em Análise do Discurso

Apesar de Bakhtin não ser um autor da AD, considerando a relevância de suas ideias, iremos utilizar seus conceitos para o presente estudo. Em vista disso, vale acentuar que, no denominado Círculo de Bakhtin, estudos descrevem que se constituiu de uma reunião de textos, no início do século XX, obtidos a partir de pesquisas realizadas por intelectuais da época. Para eles, a linguagem deveria ser entendida como signo ideológico, ou seja, seria impossível conceber a separação entre a “unicidade do meio social e a do contexto social imediato de sua constituição” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2006, p. 70). Ou melhor, as convicções trazidas pelo Círculo puseram em destaque a interação verbal:

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2006, p. 124).

Assim, as reflexões apresentadas pelo Círculo de Bakhtin acabam por instituir a teoria dialógica, na qual todo enunciado proferido em uma comunicação verbal, relaciona-se a aos enunciados anteriormente produzidos. Para Bakhtin:

os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros.[...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 1992, p. 297).

Ainda sobre a relação dialógica, Bakhtin ressalta sobre a expressividade contida na fala com o outro, cuja resposta não está somente no nosso enunciado, mas na relação do locutor com os enunciados do outro. Quer dizer, critérios como entonação, por exemplo, influenciam na interação. Para o autor (2003[1979], p. 289), “nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem

significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte” (*apud* PEREIRA, RODRIGUES, 2014, p. 183). Vejamos:

Figura 10 – Trecho de *Estética da criação verbal*, de Bakhtin

“... com muita frequência, a expressividade do nosso enunciado é determinada – às vezes nem tanto – não só pelo teor do objeto do nosso enunciado, mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema aos quais respondemos, com os quais polemizamos; são estes últimos que determinam igualmente a insistência sobre certos pontos, a reiteração, a escolha de expressões mais contundentes (ou, pelo contrário, menos contundentes), o tom provocante (ou, pelo contrário, conciliatório), etc. A expressividade de um enunciado nunca pode ser compreendida e explicada até o fim se for levado em conta somente o teor do objeto do sentido. A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro.”

Legenda: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Fonte: Imagem do curso de Introdução à Análise do Discurso - FFP/UERJ (2018) - material fornecido pela professora Isabel Cristina Rodrigues (CAp-UERJ).

Nesse sentido, como o sujeito, em qualquer situação de interação, estará sendo atravessado por outros discursos, é preciso deixar clara a noção de interdiscurso:

Todo discurso é atravessado pela **interdiscursividade**, tem a propriedade de estar em multiforme com outros discursos, de entrar no **interdiscurso**. [...] é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 286, grifos dos autores).

Sob outra perspectiva, é preciso registrar que, sobre discurso, Foucault diz: “Chamaremos discurso um conjunto de enunciados na medida em que se apoia na mesma formação discursiva (...) ele é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”

(FOUCAULT, 2012, p. 135). Como se observa, o autor define discurso a partir de sua articulação com a noção de formação discursiva.

No entanto, nos filiamos ao conceito que compreende o discurso como uma realidade amparada em duas expressões: “uma que diz respeito ao social e a outra, à linguagem” (MAINGUENEAU, 1997, p. 55). Assim, como prática discursiva, o conceito de discurso nos remete tanto à comunidade discursiva, quanto à formação discursiva. Nas palavras de Maingueneau (1997):

A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. A “comunidade discursiva” não deve ser entendida de forma excessivamente restritiva: ela não remete unicamente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida. (...) É preciso ainda deixar bem claro que visamos aqui aos grupos que existem unicamente por e na enunciação, na gestão destes textos, e não aos grupos que encontrariam sua razão de ser em outro lugar (MAINGUENEAU, 1997, p. 56).

Por último, no que concerne à Análise do Discurso (AD) de linha francesa, vale destacar que teve como um dos precursores Michel Pêcheux, no final dos anos de 1960, momento em que o foco principal era pensar a linguagem para além dos limites da frase. Embora existam diversos entendimentos sobre o objeto dessa área, adotamos a concepção apresentada por Orlandi (2007) abaixo elencada:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2007, p.15).

2.2 Gêneros do discurso

Nos dizeres de Bakhtin (1992), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” e que, através da linguagem, retratam diálogos envolvidos na interação verbal, variando constantemente, em virtude das modificações frequentes na sociedade. Para ele:

Se os gêneros do discurso não existissem e se nós não tivéssemos o seu domínio e se fosse preciso criá-los pela primeira vez em cada processo da fala, se nos fosse preciso construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 1992, p. 302).

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são específicos para cada âmbito social vivenciado pelo falante:

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado [...] Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. [...] Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. (BAKHTIN, 1992, p. 301).

Já Maingueneau (1997) propõe cinco critérios para a delimitação da noção de gênero: i) finalidade reconhecida; ii) estatuto legítimo entre os parceiros da enunciação; iii) coordenadas de tempo e espaço; iv) suporte; v) organização textual. Para ele, “isso não significa, evidentemente, que o aspecto formal seja secundário, mas apenas que é preciso articular o “como dizer” ao conjunto de fatores do ritual enunciativo” (MAINGUENEAU, 1997, p. 35-36). Assim alude o autor, para falar de cada tipo de gênero:

Não existe, de um lado, uma forma e, do outro, as condições de enunciação. São conhecidos, por exemplo, os progressos realizados na compreensão dos Evangelhos quando suas particularidades genéricas foram relacionadas ao uso que delas era feito nas comunidades cristãs onde se constituíram. Como qualquer ato de fala elementar (prometer, convidar...) um gênero de discurso implica condições de diferentes ordens. [...]

As coerções do gênero “depoimento” exigem a utilização de um “falar popular” que supostamente é capaz de liberar um discurso imediato, reflexo social do operário não qualificado. No entanto testemunhar consiste em ostentar as marcas de uma enunciação sem maneirismo, sem afetações o que pressupõe, exatamente, que aja conformidade ao gênero de palavras sem artifícios, a linguagem dita “popular” (MAINGUENEAU, 1997, p. 36).

Por isso, o surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (também chamadas TIC) e a interligação entre mídia escrita, *internet*, dentre outros suportes, acarretou uma interação no espaço virtual, promovendo uma mudança nas relações humanas e favorecendo o aparecimento de gêneros virtuais ou digitais, os quais também vão sendo modificados ao longo do tempo.

Marcuschi (2005) - embora não seja um autor de AD, mas de linguística textual - denomina tais modificações de hibridismo da linguagem, ou seja, não há uma delimitação exata entre oralidade e escrita. De acordo com ele, há parâmetros para determinar tal linguagem, conforme transcrevemos:

- do ponto de vista dos usos da linguagem: temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco importantes, ortodoxas, e uma escrita semialfabética;
- do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem: integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com a participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiperpessoalidade; e
- do ponto de vista dos gêneros realizados: a internet transmuta, de maneira bastante complexa, gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Por consequência do imediatismo e da velocidade das informações circulando no ciberespaço, ocorrem diversas semioses entre os enunciados, sendo habitual o emprego de hipertextos, ou melhor, um texto relacionado a diversos outros textos. Para Marcuschi (2001), o hipertexto pode ser conceituado como “escritura eletrônica não linear, não sequencial, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real” (MARCUSCHI, 2001, p. 86).

Também não se pode esquecer que os suportes que sustentam os gêneros digitais possuem um formato específico, que é o ambiente virtual. Para Marcuschi, tais suportes têm a função “de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como um texto [...] suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCUSCHI, 2003, p. 8).

Por conseguinte, quando discorremos sobre tecnologias digitais, é necessário dizer que os gêneros desenvolvidos nas plataformas digitais estão em constante transformação, visto que as noções de tempo e espaço, inerentes ao ambiente virtual, não se constitui em padrões definitivos.

Isto posto, no caso da presente pesquisa, as análises foram pautadas em: 1) reportagens da Revista Exame Digital, cujo gênero textual é notícia jornalística; e 2) rede social *Twitter*, que pode, ao nosso ver, ser considerado um subgênero do *blog* (ou *microblog*), um gênero virtual.

Por último, frise-se que, de acordo com Silva (2007), a notícia possui as seguintes características:

1. Pertencer à comunidade discursiva jornalística, ou seja, ser produzida, sem qualquer dúvida, por um jornalista; que possui um conhecimento especializado e produz gêneros específicos para a comunicação interna entre seus parceiros e com seus leitores;
2. Ter o jornal ou a revista como suporte e não como serviço ou canal, na medida em que ambos os meios de comunicação funcionam como fixadores e não como meros divulgadores circunstanciais do gênero;
3. Exercer a função sociocomunicativa de estabelecer a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e os leitores do jornal/revista, informando a população sobre fatos e acontecimentos atuais ou remotos, importantes ou “fúteis”;
4. Ter como conteúdo o relato de um fato/acontecimento, seja no presente, passado ou futuro;
5. Apresentar uma estrutura composicional que realize no mínimo a categoria de Evento Principal, que é predominantemente do tipo narrativo. (SILVA; SILVA *apud* SILVA, 2012, p. 4-5).

Já os blogs, por sua vez, consoante Marcuschi (2004), são considerados um novo gênero, possuindo semelhanças com o antigo diário:

Os blogs são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos. São um grande sistema de colagem em certos casos [...] Não são como emails nem como chats, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentário sobre algo que o outro escreveu. (RIBEIRO *apud* MARCUSCHI, 2009, p.3).

2.3 Heterogeneidade e discurso relatado

Como destacamos em tópico anterior, a presença da voz do outro integra a constituição do ato de enunciação. Em outras palavras, a multiplicidade de vozes do outro envolvida em nosso discurso cria um dialogismo constante, o que faz com que todo discurso seja, por si só, heterogêneo. Isso quer dizer que o texto não deve ser visto como um objeto homogêneo, posto que o sujeito que o compõe é, na verdade, heterogêneo. Ou melhor:

A definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro [...]. Disso decorre o caráter forçosamente dialógico de qualquer enunciado do discurso, a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos e o funcionamento intradiscursivo. (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2016, p. 262).

Dessa forma, identificam-se diferentes traços de heterogeneidade na linguagem, as quais nos permitem perceber a presença do outro no discurso. Como exemplos mais comuns, encontramos: discurso direto, o indireto e o discurso indireto livre.

De acordo com Bakhtin (1995/[1929]), a linguagem possui natureza dialógica, pelo fato de coexistirem palavras dos outros, o que prova ser o discurso heterogêneo, já que sempre há outros discursos simultâneos. No mesmo sentido, Charaudeau (2008, p. 161) dispõe que “a palavra do outro está sempre presente em todo ato de enunciação de um sujeito falante, instituindo um “dialogismo” permanente entre o outro e o sujeito que fala”.

Charaudeau (2006), baseado em Bakktin, assim destaca sobre a heterogeneidade inerente ao discurso:

Todo fato de linguagem poderia ser considerado um discurso relatado se este último fosse definido de maneira ampla: ao vir ao mundo, cada ser humano é imediatamente mergulhado num oceano de palavras; não de palavras circulando como anjinhos anunciando seu advento, mas palavras corporificadas em seres humanos, seres humanos que durante toda vida constituirão esse outro eu com quem e contra quem cada um deverá travar combates para construir sua identidade. Retomado, repetindo, imitando, o que os outros disseram, apropriando, reconstruindo, modificando, ou mesmo inovando o dito através de seu próprio ato de enunciação é que se constrói a identidade do ser falante, o que faz com que falar seja, ao mesmo tempo, dar testemunho de si e do outro, do outro e de si (CHARAUDEAU, 2006, p. 161).

Sobre as marcas de heterogeneidade, Charaudeau (2006) assevera que:

Por vezes essas marcas são discretas e surge então o problema da fronteira entre “discurso relatado” e “interdiscursividade”, fenômeno geral da inserção de fragmentos de discursos uns nos outros, não necessariamente explicitada. É que pode ser estrategicamente útil jogar com a possibilidade de não fornecer índices do dito relatado, ou de sugerir-los, ou de deixá-los à apreciação do interlocutor. Com isso, o locutor-relator apaga o locutor de origem, como se o que ele enuncia só pertencesse [a] ele. É nesse jogo de marcação-demarkação, por um lado, não-marcação-integração, de outro, que se situa o discurso das mídias de informação (CHARAUDEAU, 2006, p. 162).

Pela perspectiva de Gavazzi e Rodrigues (2003, p. 57-59), amparados em Maingueneau (1997), conforme citado por Lemos (2010, p. 127-128), os verbos *dicendi* admitem a classificação em descritivos e avaliativos: no primeiro caso, podemos citar: acrescentar, concluir, continuar etc., ou seja, verbos “que situam o discurso relatado na cronologia discursiva” (2003, p. 57) e, ainda, descrever, perguntar, responder etc., isto é, aqueles “que indicam o tipo de discurso do interlocutor ou modo de realização fônica do enunciado” (2003, p. 57).

Já no caso dos verbos avaliativos, as autoras destacam que se relacionam à intencionalidade do enunciador do discurso e a ação que representam, podendo ser elencados em categorias (GAVAZZI e RODRIGUES, 2003, 57-59), conforme a seguir:

- a) Efeito de imparcialidade: aqui se enquadram verbos como dizer, falar, declarar, opinar etc., considerados “neutros” em relação a outros modalizadores.
- b) Valorização negativa: verbos como jurar, imaginar, garantir, acreditar, sonhar, tentar justificar, choramingar, desconversar etc., ao serem empregados, desvalorizam a fala do outro, não lhe conferindo credibilidade.
- c) Valorização positiva: nesse caso, enaltece-se a figura do outro, colocando em posição de superioridade, na qual ele pode aconselhar, explicar, pontificar, analisar, diagnosticar, ensinar, ponderar, teorizar etc.
- d) Polemização: os verbos desta categoria revelam o conflito existente entre pessoas e grupos, contribuindo para acirrar ainda mais a discussão. São eles: ironizar, devolver (no sentido de revidar uma ofensa/acusação), atacar, disparar, alfinetar, culpar, gozar, cutucar, discordar, entre outros.
- e) Solidariedade: utilizados quando o outro se encontra, segundo o jornalista, em posição de injustiça social, solidarizando-se com sua causa: desabafar, queixar-se, indignar-se, lamentar, pedir, lembrar. (GAVAZZI E RODRIGUES *apud* LEMOS, 2010, p. 127-128).

Com base no exposto, consideramos que os verbos *dicendi* interferem no discurso relatado, pelo fato de, refletirem a intencionalidade do enunciador e, por isso mesmo, constituem-se em mecanismos de manipulação de opiniões, sendo, inclusive, muito comuns na área publicitária.

2.4 Polifonia e negação polêmica

Considerando que a heterogeneidade constitui a polifonia, tendo em vista que ambas estão associadas ao sujeito discursivo, interessa-nos discorrer sobre essa

última. Por consequência, vale acentuar que o emprego do termo polifonia apareceu nos estudos bakhtinianos, na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981), quando o autor utiliza o termo para designar o romance de Dostoievski, demonstrando as várias vozes presentes naquele texto literário.

Consoante Maingueneau e Charaudeau (2016:384), o vocábulo pode ser definido como:

[...] é (...) emprestado da música, que alude ao fato de que os textos veiculam na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2016, p. 384).

Mais tarde, Ducrot trabalha com a Teoria Polifônica, na obra *O dizer e o dito* (1987), com base no conceito desenvolvido por Bakhtin, mas já sob o prisma da Semântica da Enunciação, abordando categorias linguísticas, motivo pelo qual concerne a esta pesquisa. Conforme ele preconiza, há distinção entre enunciador e locutor, em uma mesma enunciação:

Por definição, entendo por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. (DUCROT, 1987, p.182).

Ainda sobre enunciadores, dispõe:

Chamo “enunciadores” estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras. (DUCROT, 1987, p.192).

Para Ducrot (1989), a intenção argumentativa deve ser considerada nos enunciados, conforme assevera:

A significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados. (DUCROT, 1989, p. 18).

Embora existam diversos marcadores discursivos demonstrando a polifonia presente nos enunciados, amplamente estudados pelo autor, nosso foco nesta

pesquisa será a abordagem do marcador linguístico de negação “não”, visto que: “[...] ela mantém necessariamente uma relação de contradição com o enunciado que refuta” (MAINGUENEAU, 1997, p. 82).

Sobre os enunciados de valoração negativa, relacionados por Ducrot (1987), MAINGUENEAU (1997) opina:

[...] a enunciação da maior parte dos enunciados negativos é analisável como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois ‘enunciadores’ diferentes: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e o segundo, a rejeição do ponto de vista (MAINGUENEAU, 1997, p. 80).

Por conseguinte, com base na teoria de Ducrot (1987), trazemos um exemplo de negação polêmica (Figura 11), retirada de trecho do discurso de posse do Presidente americano, Donald Trump, em 20 de janeiro de 2017:

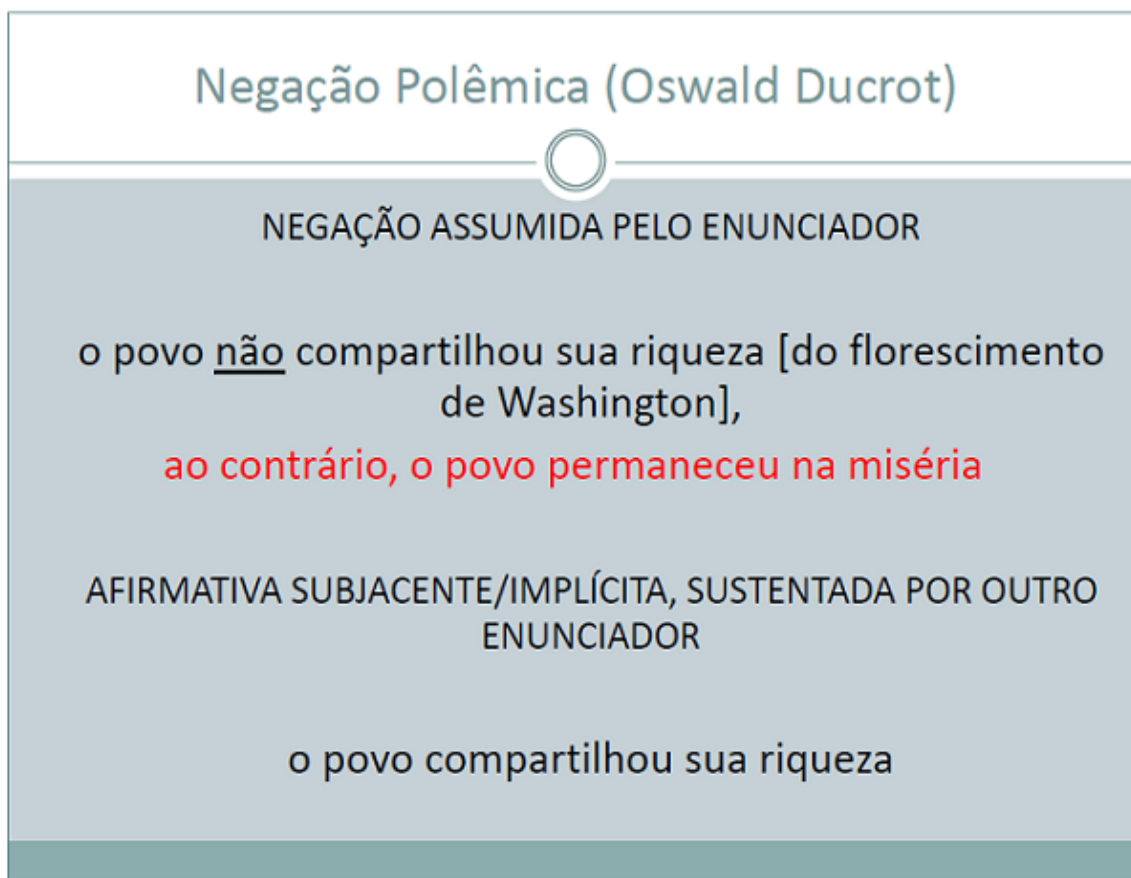
Nós, os cidadãos da América, estamos agora unidos num grande esforço nacional para reconstruir o nosso país e restaurar a promessa para todo o nosso povo. Juntos, determinaremos o curso da América e do mundo por muitos, muitos anos.

[...]

Estamos a transferir o poder de Washington, D.C., para vocês, o povo. Durante muito tempo, um pequeno grupo na capital da nossa nação tem colhido as recompensas do Governo enquanto o povo pagou os custos. **Washington floresceu, mas o povo não compartilhou a sua riqueza.** Os políticos prosperaram, mas os empregos desapareceram. E as fábricas fecharam. (VOA, 2017, grifos nossos).¹⁴

¹⁴ Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/donald-trump-faremos-america-grande-novamente/3685211.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

Figura 11 – Negação polêmica



Fonte: Imagem do curso de Introdução à Análise do Discurso - FFP/UERJ (2018) - material fornecido pela professora Isabel Cristina Rodrigues (CAp-UERJ).

2.5 Enunciados destacados

É imperioso registrar que, com a evolução tecnológica atual, a articulação entre mídia escrita, *internet* e televisão (dentre outros suportes) e a circulação de informações no universo digital deu origem ao intenso fluxo de “pequenas frases” ou enunciados destacados, que são de interesse ao presente estudo.

Contudo, a existência dos enunciados destacados de seus textos de origem não é um fenômeno recente, mas adquiriu inquestionável dimensão em virtude da velocidade com que as informações são veiculadas no contexto midiático mundial. Como o objeto desta pesquisa consiste na análise de *corpus* relativo a momentos de crises políticas, os destacamentos realçam, ainda mais, as múltiplas interpretações conferidas aos enunciados na mídia. Para Maingueneau:

De qualquer forma, pelo clássico jogo de antecipação das modalidades de recepção, os produtores dos enunciados, que são profissionais da vida pública, têm tendência a fabricá-los em função dos (re)empregos que deles serão feitos" (MAINGUENEAU, 2006, p. 80).

O autor, já em 2006, na obra *Cenas da Enunciação*, lança a noção de destacabilidade, esclarecendo que se trata da possibilidade de certos enunciados serem destacados de seus textos originais, ocasionando uma ampliação ou redução do sentido que possuíam, antes de estarem ocupando a forma reduzida. De acordo com ele, trata-se:

de enunciados curtos, cujos significante e significado são considerados no interior de uma organização pregnante (pela prosódia, rimas internas, metáforas, antíteses...), o que explica que sejam facilmente memorizados. Algumas dessas fórmulas circulam no interior de uma comunidade mais ou menos restrita, outras são conhecidas por um grande número de locutores espalhados em vários setores do espaço social. (MAINGUENEAU, 2006, p. 72).

Buscamos, desse modo, compreender de que forma tais recortes contribuem para potencializar o funcionamento linguístico-discursivo dos enunciados envolvendo circunstâncias do golpe, nas conjunturas políticas apreciadas, fundados nos conceitos desenvolvidos por Maingueneau (2006, 2010, 2014), quais sejam: destacabilidade, sobreasseveração, aforização e panaforização. Aplicamos também a noção de metaforização, desenvolvida por Baronas (2013).

Assim ressalta Maingueneau: "...trata-se de enunciados que se dão como autônomos, de um ponto de vista textual (não há nenhuma necessidade de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações)". (MAINGUENEAU, 2014, p. 14).

2.5.1 Destacabilidade, aforização, sobreasseveração, panaforização e metaforização

Aforização ou enunciação aforizante são enunciações destacadas naturalmente, ou seja, não são extraídas de um texto, circulando independentes. Segundo Maingueneau, "a enunciação aforizante – confere um estatuto pragmático específico a um enunciado desprovido de contexto" (MAINGUENEAU, 2012, p. 2).

Ocorre que há situações em que a aforização é destacada de um texto, recebendo o nome de sobreasseveração; melhor dizendo: ela põe em “evidência uma sequência sobre um fundo textual (MAINGUENEAU, 2012, p. 2), consoante se convalida em seguida:

[...] esta destacabilidade, que abre a possibilidade de uma *destextualização*, de uma saída do texto, entra em tensão com a dinâmica da *textualização* e vai na direção oposta à de integrar os constituintes do texto em uma operação que chamaremos de *sobreasseveração* (MAINGUENEAU, 2014, p. 15).

Logo, a estratégia de sobreasseveração (muito utilizada nos textos jornalísticos e da grande publicidade) consiste em antecipar um destacamento. Nos dizeres de Maingueneau (op. cit, p.16): “a operação assume toda a sua importância quando se trata de textos destinados a ser desmembrados.” Isso quer dizer que o que pretende ser ressaltado é, de todo modo, revelado de maneira prévia, com a finalidade de realce.

Vejamos um exemplo de sobreasseveração utilizado na obra citada:

Eu mudei. Eu mudei porque no próprio instante em que vocês me escolheram eu deixei de ser o homem de um só partido, mesmo que fosse o primeiro da França. *Eu mudei* porque a eleição presidencial é um teste de verdade à qual ninguém pode se subtrair. Porque esta verdade eu a devo a vocês. Porque esta verdade eu a devo aos Franceses.
Eu mudei porque os desafios da vida me mudaram. Eu quero dizer com pudor, mas eu quero dizê-lo, porque é a verdade e porque não pode compreender a dor do outro quem não a experimentou em si mesmo. (Site oficial do UMP, <http://www.u-m-p.org>) (MAINGUENEAU, 2014, p. 16).

Portanto, a sobreasseveração possui a função de colocar em evidência o enunciado destacado, de modo que construa uma imagem pretendida da notícia e retire a responsabilidade do dizer do jornalista, a qual recairá, em todas os casos, sobre o sobreasseverador.

O sobreasseverador é alguém que se sobrepõe, que mostra o ethos de homem autorizado, sob a influência de uma “Origem transcendente”, que estabelece valores, para além das interações e das argumentações. O apagamento da relação com o co-texto acompanha um reforço do engajamento ilocutório. (MAINGUENEAU, 2006, p. 89).

Já a enunciação aforizante difere da sobreasseveração, pois confere um novo estatuto à citação:

Não se trata mais de representar, mas de apresentar, de tornar presente, de fazer ouvir uma reserva de sentido na própria exibição de uma enunciação, de tornar enigmático um enunciado que manifesta e esconde tudo, ao mesmo tempo em que apela para a interpretação. (MAINGUENEAU, 2014, p. 15).

No que concerne à panaforização, Baronas (2013) esclarece:

Segundo Maingueneau, pode-se falar de uma “panaforização”, termo que combina o *pan* de “pandemia” e “aforização”. A panaforização figura nas manchetes dos jornais, se infiltra nas conversações ordinárias, suscita debates de todas as espécies nas mídias: sobre os fóruns, os talk-shows televisivos, no correio dos leitores, etc. Antes de desaparecer, é substituída por outras. A efemeridade e a ampla circulação são os seus traços mais marcantes (BARONAS, 2013, p. 119).

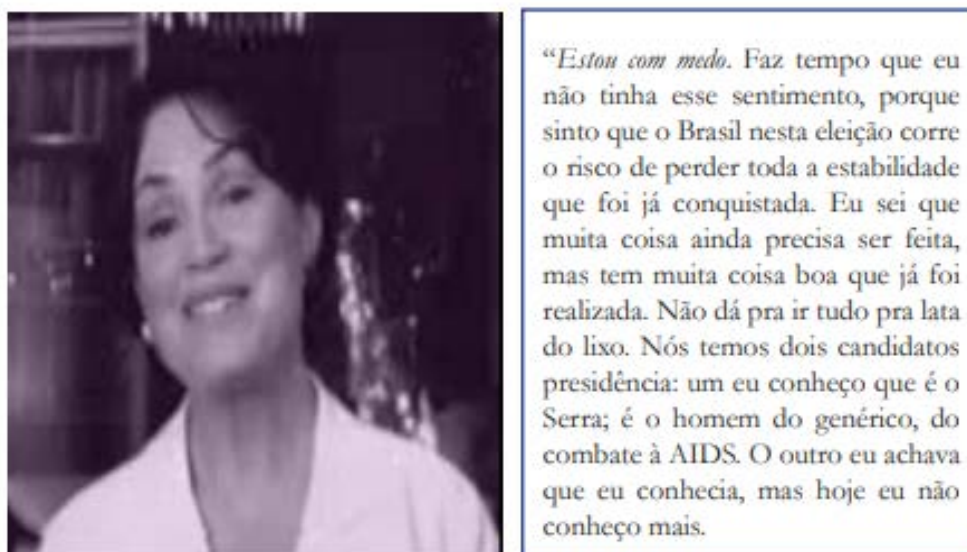
Por outro lado, o autor preconiza uma alternativa teórica à panaforização, proposta por Maingueneau (2010), a qual designa como metaforização. Conforme nos ensina Baronas (2013):

pequena frase que assume o caráter de uma metáfora com intensa circulação, ou seja, uma frase que se presta por conta da sua constituição linguístico-discursiva (pregnância linguística e de sentidos) a estabelecer uma analogia de sentidos entre diferentes acontecimentos discursivos. (BARONAS, 2013, p. 241-242).

Na obra *Enunciação aforizante: um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira* (2013), Baronas vale-se do enunciado “A esperança venceu o medo”, que circulou em diversos suportes da mídia brasileira, a partir do segundo semestre de 2002.

Em breve síntese, o autor explica que o surgimento de tal enunciado baseou-se em uma declaração da atriz Regina Duarte, na reta final de campanha presidencial dos candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e José Serra, em 2002, tendo a artista manifestado a expressão “Estou com medo”, para iniciar uma fala contra o governo do PT, em um vídeo de 59 segundos exibido no horário eleitoral gratuito, da Rede Globo de Televisão (Figura 12).

Figura 12 – Declaração da atriz Regina Duarte



Fonte: BARONAS, 2013, p. 124.

Acontece que, após a exibição do vídeo e da grande polêmica causada, a Folha de São Paulo publicou matéria com o título “A esperança venceu o medo” (Figura 13), como se atesta:

Figura 13 – Pronunciamento de Lula

27/10/2002 - 23h34

"A esperança venceu o medo", diz Lula em pronunciamento em SP

da Folha Online

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em sua primeira entrevista após confirmada a sua eleição, disse que o Brasil está mudando como país e, "mais importante, a esperança venceu o medo e hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil mudou sem medo de ser feliz".

Durante o discurso, Lula agradeceu ao seu vice e confirmou o telefonema de José Serra (PSDB) parabenizando-o pela eleição. "Eu tenho que agradecer a esse [o vice José Alencar] que não foi a única, mas foi uma das coisas mais extraordinárias coisas que aconteceu nessa campanha pelo país. Zé Alencar e eu não vamos ser um presidente e um vice, vamos ser parceiros nos bons e nos maus momentos, vamos ser companheiros. E vocês sabem que, quando eu falo "companheiro", vem uma coisa muito forte no meu coração, porque nem todo irmão é um grande companheiro, mas todo companheiro é uma grande irmão. E você, Zé, é um grande companheiro."

Ao final do pronunciamento, Lula agradeceu aos aliados e disse que iria participar do ato na avenida Paulista. "Quero agradecer a alguns companheiros que sem vocês eu não teria sido o "Lulinha paz e amor" dessa campanha", afirmou.

Fonte: BARONAS, 2013, p. 124.

É válido lembrar também que o termo “medo” remete, na verdade, ao *slogan* e jingle da campanha de Lula (“Sem medo de ser feliz”), em 1989, sendo que o enunciado começou a circular em 2002 e, de acordo com SOUZA (2012), permaneceu nos meios de comunicação, mesmo após 10 anos do seu surgimento:

Figura 14 – Campanha eleitoral em Fortaleza, em 2012

Ontem fez 10 anos que a esperança venceu o medo. Hoje o povo mais humilde de Fortaleza vencerá as elites com Elmano 13.



Foto: Ricardo Stuckert/PR

Fonte: Olhos Nordestinos.¹⁵

Segundo Baronas (2013), o enunciado perpetuou-se em outros eventos discursivos de todas as mídias, sendo um “processo de tipo pandêmico”, como se confere a seguir:

Essa capacidade quase camaleônica de se transformar na designação dos mais diferentes eventos discursivos nos se(in)duz a asseverar que se trata de uma panaforização no sentido que Dominique Maingueneau dá a este conceito. Ou seja, uma frase que é tomada em um processo de tipo pandêmico: durante um período curto vê-se circular em todas as mídias e às vezes com uma frequência muito elevada, com estatutos muito diversos: título de um artigo de jornal ou de uma página da internet, frase que circula na parte de baixo do monitor de um canal de informação televisiva, título de um vídeo sobre o Youtube, etc. (BARONAS, 2013, p. 128).

¹⁵ Disponível em: <http://olhosdosertao.blogspot.com/2012/10/ontem-fez-10-anos-que-esperanca-venceu.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

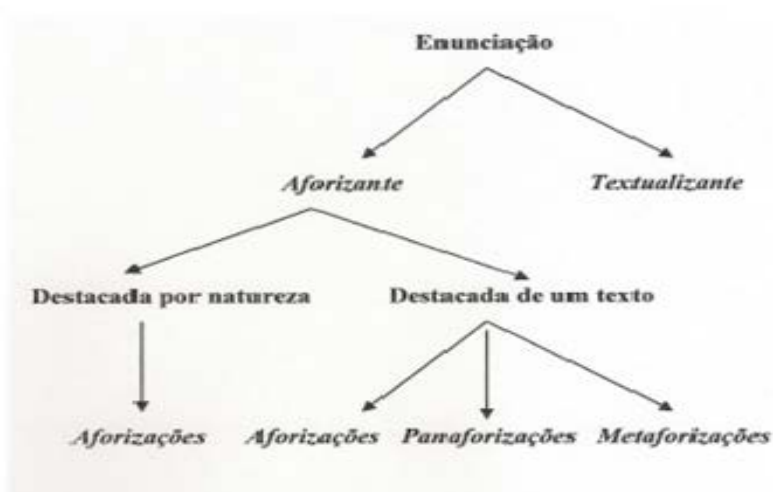
Em contrapartida, de acordo com ele, “enquanto a panaforização é fruto do rumor e da agitação momentâneas, a metaforização é o resultado de uma constância enunciativa, que permanece circulando por muitos anos” (Baronas, 2013, p. 242). Nesse sentido, o autor propõe uma reformulação do esquema vetorial das ordens enunciativas apresentado por Maingueneau (2010), - Imagem 14 - sugerindo que a metaforização seja inserida à enunciação aforizante destacada de um texto - Imagem 15, conforme constatamos:

Figura 15 – Esquema vetorial das ordens enunciativas proposto por Maingueneau



Fonte: BARONAS, 2012, p. 118.

Figura 16 – Esquema vetorial proposto por Maingueneau (2010) revisto por Baronas



Fonte: BARONAS, 2012, p. 130.

Em vista disso, o autor considera que a panaforização ocorrida quando da explosão do enunciado “A esperança venceu o medo”, em 2002, sofreu uma resignificação, já que mesmo após o “efeito pandêmico” na mídia (ou seja: frequência de circulação muito elevada, em um período muito curto), ele não sofreu um apagamento nos meios de comunicação.

3 CADA FLASH UM GOLPE: O DEBATE NA ATUALIDADE

Neste capítulo, apresento análises de reportagens acerca do golpe militar de 1964, publicadas na Revista Exame Digital, nas datas de 01 de outubro e 03 de outubro, ambas em 2018, relativas à declaração que se tornou polêmica na mídia, proferida por Dias Toffoli, atual ministro e presidente do Supremo Tribunal Federal (STF).

Logo adiante, discuto uma postagem no dia 19 de maio de 2018, no *Twitter* oficial de Dilma Rousseff (@dilmabr), referente ao golpe de 2016, abordando diversos elementos discursivos que comprovam os efeitos de sentido gerados nos enunciados, ao serem destacados de seu texto original, baseados em conceitos inerentes da Análise do Discurso de perspectiva enunciativa.

Frise-se que as análises versam sobre acontecimentos ocorridos em épocas distintas, mas que possuem a mesma temática, qual seja, um golpe político. Desse modo, vale mencionar que não se pretende realizar quaisquer comparações do modo de funcionamento do discurso entre os suportes revista digital e rede social, mas acompanhar a trajetória discursiva dos conteúdos selecionados, para cada período histórico.

Sendo assim, num primeiro momento, a análise esteve dirigida ao golpe de 1964, cujo suporte foi a Revista Exame Digital. Num outro momento, apuramos o golpe de 2016, cujo suporte considerou a rede social *Twitter*, tendo sido todas as análises do ano de 2018 e, por conseguinte, após os eventos políticos mencionados.

3.1 Análises 1 e 2: Golpe militar ou simples movimento?

3.1.1 Análise 1 - Nem golpe, nem revolução: um simples “movimento”

Toffoli diz que prefere chamar golpe militar de “movimento de 64”
Em palestra, ministro também disse que esquerda e direita acharam
"conveniente" culpar os militares pelo período de 21 anos no governo



São Paulo – O presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, classificou o golpe militar de 1964 como “movimento de 64”, se apoiando na obra do historiador carioca Daniel Aarão Reis, ele também disse que esquerda e direita tiveram responsabilidade no momento da tomada de poder pelos militares naquela ocasião, mas que depois acharam “conveniente” culpar os militares pelo período de 21 anos no governo. “É bom registrar aquilo que diz Daniel Aarão Reis... que os dois lados (esquerda e direita) tiveram a conveniência de se retirar e de não assumir os erros dos dois lados e dizer que tudo isso era problema de militar”, afirmou em palestra na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), no Largo São Francisco, em evento promovido para marcar os 30 anos da Constituição de 1988.

“Os militares foram um instrumento de intervenção, e se algum erro cometeram, foi que resolveram ficar (no governo)... “Por isso que hoje, depois de aprender com o atual ministro da Justiça, Torquato Jardim, eu não me refiro mais nem a golpe nem a revolução de 64, eu me refiro a movimento de 1964, movimento de 1964.”

Toffoli ainda disse que o Brasil se insere numa tendência mundial de “descrédito no sistema político”, que deságua numa “crise de representação”.

“Eu gosto sempre também de lembrar o seguinte: que a democracia é uma opção de uma sociedade que tem muita coragem, por que é um processo difícil, não é um processo mais fácil, seria muito mais fácil ter uma pessoa que vai lá e decide tudo por todos”, disse.

“Mas também como citei no discurso de posse (de presidente do STF), citando Habermas, Celso Lafer e Hannah Arendt, o poder que não é plural é violência.” O presidente do STF ainda comentou o atual modelo de presidencialismo de coalizão, classificando-o como “parlamentarismo sem a institucionalização do parlamentarismo”.

“Basta lembrar que de 5 de outubro de 1988 que é a promulgação da constituição, nós já tivemos dois presidentes da República que sofreram impeachment, ou seja é a queda do governo, a queda do gabinete”, afirmou Toffoli, que não falou com jornalistas após a palestra, aproveitou para enfatizar o respeito que o Poder Judiciário demonstrará a quem for eleito no voto popular na eleição deste mês, dizendo que a visão do Judiciário “para o poder representativo, é de que interlocutor a gente não escolhe, a gente

dialoga e respeita seja ele quem for, e a função do Supremo Tribunal Federal nesse momento é uma função de deixar a soberania popular falar”.

O ministro ainda disse que por isso não irá pautar “causas polêmicas” no plenário da corte, já que é “o momento do povo refletir e votar”.

Lewandowski

Após a palestra de Toffoli, o ministro Ricardo Lewandowski também discursou no mesmo auditório e afirmou que o Poder Judiciário vem atuando em questões fundamentais que deveriam ser discutidas “no âmbito do Congresso Nacional”, sugerindo também que o tribunal teria “censurado” o jornal Folha de S.Paulo, impedindo a realização de uma entrevista com ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que está preso em Curitiba.” O Supremo Tribunal Federal passou também a decidir questões que normalmente deveriam ser no âmbito do Congresso Nacional, recentemente decidiu sobre fidelidade partidária, cláusula de barreira, aborto de fetos anencéfalos, uniões homoafetivas, greve de servidores públicos, limites das terras indígenas, incentivos fiscais, financiamento de campanhas, privatizações, até tabelas de fretes de caminhoneiros”, disse. (BELO, 2018).¹⁶

Na notícia apontada, veiculada pela Revista Exame online, em 01 de outubro de 2018, constatamos que o termo golpe militar foi substituído por “movimento de 64”. A declaração foi proferida pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, em uma palestra na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), em evento de celebração dos 30 anos da Constituição Federal de 1988.

Para efeitos de análise, elegemos dois trechos específicos da reportagem, quais sejam o Trecho1 (T1) e o Trecho 2 (T2). A seguir, realizamos comentários atinentes a outros elementos discursivos traçados pelo enunciador-jornalista, os quais foram apreciados ao longo da notícia.

Trecho 1:

O presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, classificou o golpe militar de 1964 como “movimento de 64”, se apoiando na obra do historiador carioca Daniel Aarão Reis, ele também disse que esquerda e direita tiveram responsabilidade no momento da tomada de poder pelos militares naquela ocasião, mas que depois acharam “conveniente” culpar os militares pelo período de 21 anos no governo. “É bom registrar aquilo que diz Daniel Aarão Reis...que os dois lados (esquerda e direita) tiveram a conveniência de se retirar e de não assumir os erros dos dois lados e dizer que tudo isso era problema de militar”... (grifos nossos).

Em T1, um relato é apresentado em discurso indireto, com o verbo “classificou” e a responsabilidade é atribuída ao “presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli”. Além do verbo *dicendi* (“classificou”), observam-se ainda

¹⁶ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/toffoli-cita-historiador-e-diz-que-brasil-teve-movimento-de-64/>. Acesso em: 01 out. 2018.

expressões entre aspas – “movimento de 64”; “conveniente”; “É bom registrar... não assumir os erros dos dois lados e dizer que tudo isso era problema de militar” (grifos nossos) e a menção a uma voz considerada autorizada sobre o tema: “se apoiando na obra do historiador carioca Daniel Aarão Reis”. Percebemos que o ministro utilizou-se da obra de um historiador para embasar sua opinião e, ainda, destacou acerca da responsabilidade da esquerda e direita, no período histórico indicado.

Trecho 2:

Os militares foram um instrumento de intervenção, e se algum erro cometeram, foi que resolveram ficar (no governo)... Por isso que hoje, depois de aprender com o atual ministro da Justiça, Torquato Jardim, eu não me refiro mais nem a golpe nem a revolução de 64, eu me refiro a movimento de 1964, movimento de 1964. (grifos nossos).

Em T2, o enunciador trata do evento histórico da ditadura militar, atribuindo aos “militares” dois tipos de ação: “foram um instrumento de intervenção” e “resolveram ficar (no governo)”. Observe-se que essas duas ações encontram-se articuladas por uma terceira ação, modalizada em hipótese: “e se algum erro cometeram”. Desse modo, a noção trazida ao texto é a de que a “intervenção”, na qual os militares foram instrumento, é considerada por Toffoli como adequada, pois, segundo ele, caso os militares tenham cometido algum erro, foi o de resolver ficar no governo. O efeito desencadeado pelas ações reportadas no pronunciamento do enunciador acarretou, em última instância, uma percepção positiva da interferência militar, em 1964.

Outro aspecto em T2 refere-se à construção das coordenadas temporais: as ações atribuídas a “os militares” remetem a um passado marcado pelas desinências verbais em “foram”, “cometeram”, “resolveram ficar”. A essas ações no passado, acrescenta-se um comentário no presente, marcado pelo advérbio “hoje”, que é qualificado pela oração “depois de aprender com o atual ministro da Justiça, Torquato Jardim”, e pelo verbo “refiro”.

Em T2, distingue-se então o tempo dos acontecimentos históricos, no passado, do tempo dos comentários sobre os acontecimentos, no presente, também podendo ser designados como tempo das ações que se efetivam e tempo do aprendizado sobre como se referir a eles.

Ao final do texto da matéria, Toffoli apoia-se numa citação de autoridade do ministro da justiça, Torquato Jardim, para dizer que se filia à expressão “movimento de 64” e, não, golpe ou revolução.

O título da reportagem: “Toffoli diz que prefere chamar golpe militar de ‘movimento’ de 64” representa um destacamento do seu texto original, cujo sentido foi alterado em relação ao que notamos quando lemos toda a matéria. Primeiramente, verificamos a escolha do enunciador/jornalista pelo verbo preferir, quando, na verdade, o ministro classifica (O presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, classificou o golpe militar de 1964 como “movimento de 64” – Trecho 1), o que demonstra não uma opção, mas uma especificação da ideia pretendida por ele sobre o assunto.

Outro enfoque interessante é que o destacamento da pequena frase, no título, fez parecer que o termo “movimento de 64”, adotado pelo presidente do STF, era algo por ele denominado, quando, na verdade, Toffoli defende tal expressão embasado na obra de um historiador (“se apoiando na obra do historiador carioca Daniel Aarão Reis”).

Observando outros trechos extraídos da matéria analisada, notamos que:

1) Emprego de citação de autoridade para atribuir ao outro a responsabilidade de sua exposição. Nota-se que há outros enunciadores no texto, o que é percebido através de múltiplas vozes no discurso do ministro Dias Toffoli. De igual maneira, constatamos a mesma estratégia em: “Por isso que hoje, depois de aprender com o atual ministro da Justiça, Torquato Jardim ... eu me refiro a movimento de 1964; “citando Habermas, Celso Lafer e Hannah Arendt, o poder que não é plural é violência.” - grifos nossos;

2) Uso de aspas, as quais modalizam a fala de Toffoli ao realizar as declarações, não assumindo para si a responsabilidade de seus posicionamentos sobre os assuntos: “Por isso que hoje, depois de aprender com o atual ministro da Justiça, Torquato Jardim...“eu me refiro a movimento de 1964...”; “mas que depois acharam “conveniente” culpar os militares pelo período de 21 anos no governo”, “descrédito no sistema político”, “crise de representação”- grifos nossos;

3) Repetição de palavras como mecanismo enfático para firmar sua alegação: “eu não me refiro mais nem a golpe nem a revolução de 64, eu me refiro a movimento de 1964, movimento de 1964.”; “é a queda do governo, a queda do gabinete”, afirmou Toffoli” - grifos nossos;

4) Emprego de verbos *dicendi*: “O presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, classificou o golpe militar de 1964 como “movimento de 64”; “disse que esquerda e direita tiveram responsabilidade no momento da tomada de poder pelos militares naquela ocasião...”; “Mas também como citei no discurso de posse (de presidente do STF)...”; “O presidente do STF ainda comentou o atual modelo de presidencialismo de coalizão, classificando-o como “parlamentarismo sem a institucionalização do parlamentarismo” - grifos nossos;

5) Valor impositivo dos verbos (dizer, classificar, enfatizar, afirmar) atribuídas à fala de Dias Toffoli como estratégia para realçar seu ponto de vista de autoridade máxima do Poder Judiciário e ocultar a presença de outras vozes no seu discurso;

6) Negação polêmica: “o poder que não é plural é violência.” (grifos nossos), ou seja, “a não pluralidade do poder revela violência”. Tal declaração gera uma contradição da declaração anterior do ministro, qual seja, a expressão “momento da tomada de poder pelos militares”, já que ele conduziu o argumento contrariamente a sua defesa de pluralidade no poder. Melhor dizendo, o percurso discursivo traçado pelo ministro conduz o leitor a uma interpretação diversa de um momento pacífico, pelo uso do termo “tomada”,¹⁷ o qual, por definição, designa “Ação ou efeito de tomar; ação ou efeito de invadir (cidade, país, fortificação etc.); e

7) Existência de contradições: apesar de defender que ocorreu o “movimento de 64”, e não um golpe ou revolução, Toffoli proferiu declaração contraditória ao falar em “momento da tomada de poder”, já que essa expressão remete-nos a um tempo nada pacífico, mais se aproximando de um golpe militar. Na sequência textual, o enunciador ainda enfatiza sobre o respeito do Poder Judiciário à soberania popular e ressalta a importância do voto, mecanismo sabidamente democrático, o que é mais uma vez, outro paradoxo, em relação aos trechos listados a seguir: O presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, classificou o golpe militar de 1964 como “movimento de 64”; “Os militares foram um instrumento de intervenção, e se algum erro cometeram, foi que resolveram ficar (no governo)...”; “Toffoli, que não falou com jornalistas após a palestra, aproveitou para enfatizar o respeito que o Poder Judiciário demonstrará a quem for eleito no voto popular...a visão do Judiciário “para o poder representativo, é de que interlocutor a gente não escolhe, a

¹⁷ Por definição, “tomada” é: substantivo feminino. Ação ou efeito de tomar; ação ou efeito de invadir (cidade, país, fortificação etc.). Dispositivo que serve para ligar qualquer aparelho elétrico à corrente de energia elétrica. Pequena represa de água para fins industriais. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

gente dialoga e respeita seja ele quem for, e a função do Supremo Tribunal Federal nesse momento é uma função de deixar a soberania popular falar.” - grifos nossos.

3.1.2 Análise 2 - Nem simples, nem democrático: um regime de exceção

Parte inferior do formulário

“Golpe militar de 64 não é simples movimento”, dizem juízes

Durante um debate na Faculdade de Direito da USP, Toffoli afirmou que prefere definir a tomada de poder dos militares em 1964 como um "movimento"



Segundo a Associação de Juízes, não se pode apagar nem naturalizar a política de tortura, morte e perseguição institucionalizada pelo Estado Brasileiro contra seus cidadãos (Vanderlei Almeida/AFP).

São Paulo – A Associação Juízes para a Democracia (AJD) reagiu a uma declaração do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli. Sem citar o nome do ministro, a entidade afirmou que “o golpe militar de 1964 não pode ser classificado como um simples ‘movimento’, sob pena de apagamento e naturalização da política de tortura, morte e perseguição institucionalizada pelo Estado Brasileiro contra seus cidadãos – muitos deles cujos corpos até hoje não foram localizados”.

Na segunda-feira, 1º de outubro, durante um debate na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), onde se formou em 1990, Toffoli afirmou que prefere definir a tomada de poder dos militares em 1964 como um “movimento”.

O presidente do STF ressaltou que o governo militar teve amplo apoio popular para chegar ao poder, mas virou alvo de crítica de todos os espectros da sociedade. “Não foi um golpe nem uma revolução. Me refiro a movimento de 1964. Hoje, afirmo isso graças ao ensinamento do ministro da Justiça, Torquato Jardim”, disse.

Em nota, a Associação apontou que “as ameaças ao Estado Democrático de Direito devem ser tratadas e repelidas com rigor pelas autoridades brasileiras, sobretudo considerando as nefastas consequências advindas da

ascensão de regimes opressivos e totalitários na História não somente nacional, mas mundial”.

“Repudia-se, ainda, toda e qualquer tentativa de minimização do regime de exceção vigente no Brasil entre os anos de 1964 e 1985, fundado na imposição de um Estado ilegítimo forjado na força bruta, no medo e no silêncio de seus opositores”, observou a entidade. (MACEDO; AFFONSO, 2018).¹⁸

A reportagem acima, denominada análise 2, foi publicada na Revista Exame online, dias após a notícia elencada na análise 1 desta pesquisa, de mesma fonte. Tal fato revela um interdiscurso entre os títulos “Toffoli diz que prefere chamar golpe militar de ‘movimento’ de 64” e “Golpe militar de 64 não é simples movimento”, já que, ao longo da leitura dessa última notícia da revista digital, resta evidente a nota de repúdio à declaração emitida pelo presidente do STF, na situação descrita na primeira matéria (“A Associação Juizes para a Democracia (AJD) reagiu a uma declaração do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli. / Na segunda-feira, 1^o de outubro, durante um debate na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), onde se formou em 1990, Toffoli afirmou que prefere definir a tomada de poder dos militares em 1964 como um “movimento”). (grifos nossos).

Aliás, podemos dizer que o enunciado destacado presente no título “Golpe militar de 64 não é simples movimento” está sobreasseverado, tendo em vista que o autor recupera a mesma noção ao longo da reportagem (“a entidade afirmou que o golpe militar de 1964 não pode ser classificado como um simples movimento”), sendo esse destacamento considerado fraco, de acordo com o que propõe Maingueneau, uma vez que “a frase destacada fica contígua ao texto”. (MAINGUENEAU, 2014, p. 18).

¹⁸ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/golpe-militar-de-64-nao-e-simples-movimento-dizem-juizes>. Acesso em: 05 out. 2018.

3.2 Análises 3 e 4: Golpe de 2016 ou atentado à saúde?

3.2.1 Análise 3 - a realidade do retrocesso (ou voltando 20 anos em 2)

Na rede social *Twitter* há diversificadas relações intersemióticas, ou seja, combinações de linguagem escrita e falada (imagens, sons, textos etc.). Daí a importância da observação do *corpus* escolhido, pois também nos permite perceber os mecanismos de expressão contemporânea da cultura, na pós-modernidade, tendo em vista que são exteriorizados valores, ideais e posicionamentos, dentre outros.

Neste item, apresentamos uma análise de postagem extraída do perfil *Twitter* oficial de Dilma Rousseff (@dilmabr), realizada no dia 19 de maio de 2018, portanto, após o *impeachment* ocorrido em 2016. Entre outros aspectos, a postagem abaixo, aborda explicitamente o tema “golpe”, conforme se constata a seguir:

Figura 17 – Notícia sobre O retrocesso



Fonte: *Twitter*.¹⁹

À primeira vista, constatamos a organização textual em segmentos, diferente do que habitualmente observa-se nesse suporte, cujas mensagens possuem um

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 20 mai. 2018.

conteúdo simples e são compostas por poucos caracteres, por ser tal rede social considerada um *microblog*.²⁰

Em lugar de frases contínuas, como era de se esperar, a postagem apresenta estrutura com títulos, informação acessória entre parênteses e o encaminhamento para outro texto.

Ou melhor, além de texto em gênero postagem, o material também se constitui em uma chamada para outro texto, mais longo, de tipo argumentativo, hospedado no site (<http://dilma.com.br/o-golpe-faz-mal-saude/>).

Como se evidencia, o funcionamento é semelhante à primeira página de um jornal, o qual envia o leitor à matéria interna, a partir da divulgação de uma notícia contendo as informações de modo resumido, para despertar a curiosidade daquele que se depara unicamente com a capa.

Outro aspecto de funcionamento da postagem é a relação parafrástica²¹ com outros enunciados, a qual anuncia a heterogeneidade no discurso, uma vez que consideramos o título baseado na expressão entre parênteses “ou como voltar 20 anos em 2”, o qual nos remete à memória discursiva republicana, já que Juscelino Kubitschek foi Presidente da República do Brasil, entre 1956 e 1961 e, portanto, antes do golpe militar de 1964.

Além do mais, o trecho intitula-se “O retrocesso” e, posteriormente, há uma menção ao termo golpe, o que deixa claro que Dilma Rousseff, ao fazer uma postagem dois anos após o *impeachment* e classificando o ano de 2018 como de recuo no tempo, irá fazer uma ponderação sobre o que, de fato, considera como decadência.

Podemos dizer que a construção “ou como voltar 20 anos em 2” nos remete à memória discursiva da expressão “50 anos em 5”, lema de campanha do candidato

²⁰ *Microblog* é uma forma de blog, onde os usuários postam mensagens muito curtas para visualização por meio de uma rede de pessoas. O uso de um blog é considerado “micro” quando permite a inserção de textos de até 200 caracteres ou menos. Um dos sites de microblog mais populares hoje em dia é o *Twitter*. Fonte: <https://www.justaskgemalto.com/br/o-que-e-microblog/>. Acesso em: 10 out. 2018.

²¹ Paráfrase é uma relação de equivalência entre dois enunciados, um deles podendo ou não ser a reformulação do outro. [...] De uma maneira geral, a paráfrase exige uma continuidade semântica entre os dados que ela aproxima. Por mais óbvia que seja a ligação, sua presença é necessária para a manutenção da relação. A noção de paráfrase está indiretamente na origem da noção de paradigmas designacionais. Assim como a reformulação, a paráfrase é o vetor pelo qual se marca a heterogeneidade no discurso, seja ela mostrada ou constituída. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 366).

Juscelino Kubitschek, o qual pretendia um projeto nacional desenvolvimentista, que abarcasse os setores considerados essenciais para o país.

Desse modo, os termos explorados representam um exemplo de interdiscursividade (ou Dialogismo, nos dizeres de Bakhtin), tendo em vista que o primeiro (“ou como voltar 20 anos em 2”) relaciona-se ao segundo (“50 anos em 5”) pela presença de variadas vozes no discurso do sujeito, conhecida por polifonia.

No entanto, para que se possa perceber a relação entre os termos referidos, a comunidade virtual precisa ter conhecimento sobre as circunstâncias políticas e históricas do país, as quais envolvem os textos. Caso contrário, a postagem não terá a mesma força argumentativa conferida pela possibilidade de desdobramento, uma vez que, ao se referir a um discurso anterior, o enunciador pode contradizer ou reforçar pressupostos, propor outras soluções, reafirmar uma tese, por exemplo.

Por outro lado, verificamos, no mesmo trecho, a existência de dois tempos, de dois golpes diversos, ambos no Brasil. O primeiro aponta para o acontecimento político ocorrido no ano de 2016; já o segundo relaciona-se à suspensão do Aqui Tem Farmácia Popular.

O referido programa de governo foi criado em 2006 pelo então presidente Lula e ampliado por Dilma Rousseff, cujos medicamentos eram fornecidos à população com descontos. Em 2018, teve uma drástica redução, o que representa um abalo ou um golpe à saúde do povo.

3.2.2 Análise 4 - um golpe fatal à saúde ou como extinguir a democracia

O GOLPE FAZ MAL À SAÚDE

Governo golpista acelera a destruição do programa Aqui Tem Farmácia Popular, que já atendeu mais de 30 milhões de brasileiros
19/05/2018 2:20

O governo golpista está acabando com o “Aqui Tem Farmácia Popular”, um dos programas mais importantes já implantados no Brasil para garantir o acesso da população a medicamentos.

O “Aqui Tem Farmácia Popular” é uma rede de dezenas de milhares de drogarias privadas credenciadas pelo governo para oferecer 42 medicamentos, 25 dos quais de graça e os demais com descontos de até 90%. São remédios para o tratamento de algumas das doenças que mais atingem os brasileiros, como hipertensão, asma e diabetes.

Criado pelo presidente Lula em 2006, o “Aqui Tem Farmácia Popular” foi ampliado por mim e tornou-se uma referência mundial. Durante o meu governo, o “Aqui Tem Farmácia Popular” chegou a ter uma rede de quase 35 mil drogarias credenciadas, atuando em 4.282 municípios. Nessa rede, quase 18 milhões de pessoas puderam comprar medicamentos com desconto e 30,5 milhões retiraram medicamentos gratuitamente, a partir da criação, em 2011, do programa “Saúde Não Tem Preço”.

Para se ter uma ideia da importância e do alcance do “Aqui Tem Farmácia Popular”, o número de diabéticos e hipertensos beneficiados passou de 853 mil, em janeiro de 2011, para 26,8 milhões, em março de 2016, um crescimento de 837,6%.

Os medicamentos gratuitos e os descontos estão disponíveis para todos, mas beneficiam sobretudo trabalhadores de baixa renda e da classe média empobrecida, além de aposentados.

Dois dos resultados práticos do programa foram a redução das internações hospitalares, em 20% por doenças decorrentes da hipertensão, e em 16% por crises de asma. A redução dos gastos com intervenções nos hospitais supera em muito o custo do programa.

Pois o governo golpista, que num ato falho confessou que está fazendo o Brasil “voltar 20 anos em 2”, agora reduz a rede do “Aqui Tem Farmácia Popular”. Esta semana, descredenciou 1.729 drogarias que participavam do convênio, dando continuidade a um processo sistemático de destruição do programa. No ano passado, o governo golpista já havia cortado parte dos repasses às indústrias que produzem os medicamentos oferecidos.

Quando o governo golpista reduz o programa e sinaliza com a sua extinção, está fazendo uma economia burra, por forçar um aumento da procura por hospitais, e sobretudo uma economia perversa, por colocar em risco a saúde e a vida de dezenas de milhões de brasileiros.

O golpe faz muito mais do que destruir a democracia. Por descaso, desumanidade e falta de preocupação com a vida do povo, **o golpe também faz mal à saúde** (grifos nossos).²²

A partir da leitura da argumentação acima, publicada em 2018, é possível constatar marcas de tempo em: “O governo golpista está acabando com o “Aqui Tem Farmácia Popular” (grifou-se); “está fazendo o Brasil...”; “Criado pelo presidente Lula em 2006...” (grifos nossos).

Com exceção do último trecho, cujo tempo relaciona-se expressamente ao passado, por se referir ao início do programa governamental originado por Lula em 2006, os dois trechos anteriores apresentam frases com verbos no presente do indicativo, acrescidos de gerúndio. Vale destacar que o gerúndio indica um processo em andamento, enquanto o modo indicativo, uma noção de certeza.

Assim, as locuções verbais com verbos principais no gerúndio (“está acabando”; “está fazendo”) indicam ações em curso e que se perpetuam no tempo,

²² Disponível em: <http://dilma.com.br/o-golpe-faz-mal-saude/>. Acesso em: 20 mai. 2018.

o que quer dizer que o efeito destruidor da suspensão de medicamentos à população não foi finalizado.

O título “O golpe faz mal à saúde” é exemplo de destacamento, posto que retomou o *slogan* “O Ministério da Saúde adverte: Fumar faz mal à saúde”, anunciado em 1988, com o intuito de alertar o público sobre os riscos do cigarro, cabendo ao leitor interpretar as relações discursivas de escolha do enunciador. É o que nos ensina Maingueneau (2006):

produz algo memorável, isto é, um enunciado digno de ser consagrado, antigo de direito, novo de fato. É porque é digno de ser antigo que pode aspirar a um estatuto monumental. Tal enunciado inaugura uma série ilimitada de retomadas, na medida em que se apresenta como o eco de uma série ilimitada de retomadas. Esse tipo de enunciado visa, portanto, produzir, na realidade, aquilo que não passa de uma pretensão enunciativa: apresentando-se como uma sentença já pertencente a um saber compartilhado, ele prescreve, justamente, por isso mesmo, sua retomada ilimitada. (MANGUENEAU, 2006, p.74-5).

De igual modo, verificamos um discurso relatado em: “Pois o governo golpista, que num ato falho, confessou” (grifou-se), em virtude de “confessar” ser um verbo *dicendi* (ou verbos de dizer, como: pedir, falar, afirmar, ordenar, declarar, exclamar, concordar, gritar, perguntar etc.), o qual restaura a voz do outro (no caso, o governo), no discurso de Dilma Rousseff.

Outrossim, não se pode desprezar que o *slogan* de 1988 estabelece uma relação de condição, marcada pela preposição “se”. Ou melhor, “se fumar, fará mal à saúde”, o que evidencia que o prejuízo do cigarro só será acarretado, caso haja a ação de fumar do sujeito. Em contrapartida, em “O golpe faz mal à saúde”, não há qualquer elemento discursivo que modifique ou condicione a causa do dano à saúde, de forma que a ideia apresentada é que a ocorrência do golpe desencadeou um malefício à saúde.

Ademais, o enunciado “O golpe faz mal à saúde” é um exemplo de sobreasseveração, dado que o destacamento só pode ser compreendido com a leitura do texto-origem (“O golpe faz muito mais do que destruir a democracia. Por descaso, desumanidade e falta de preocupação com a vida do povo, **o golpe também faz mal à saúde**” - grifos nossos).

A expressão “faz mal à saúde” nos remete à campanha de veiculação obrigatória nas embalagens de produtos derivados de tabaco, em 1988, cuja tarefa ficou a cargo do Instituto Nacional do Câncer (Inca). Tal campanha possuía como

slogan “O Ministério da Saúde adverte: Fumar faz mal à saúde”, com o intuito de conscientização à população dos prejuízos advindos do cigarro, conforme se comprova na figura a seguir:

Figura 18 – Imagem sobre prevenção



Fonte: Inca.²³

Pelo fato de ter circulado na mídia com grande frequência, num curto espaço de tempo, podemos dizer que é um exemplo de panaforização, posto que, conforme nos ensina Maingueneau: “ela [a panaforização] satura de repente o espaço midiático que a impõe como objeto de discurso, como aquilo de que não se pode deixar de falar” (MAINGUENEAU, 2012, p. 18).

No entanto, a Medida Provisória n^o 2.190-34/2001 alterou o § 2^o do artigo 3^o da Lei 9294/96,²⁴ concedendo autonomia ao Ministério da Saúde para definir os

²³ Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//09-prevencao.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2018.

²⁴ Art. 3^o É vedada, em todo o território nacional, a propaganda comercial de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, com exceção apenas da exposição dos referidos produtos nos locais de vendas, desde que acompanhada das cláusulas de advertência a que se referem os §§ 2^o, 3^o e 4^o deste artigo e da respectiva tabela de preços, que deve incluir o preço mínimo de venda no varejo de cigarros classificados no código 2402.20.00 da Tipi, vigente à época, conforme estabelecido pelo Poder Executivo. (Redação dada pela Lei n^o 12.546, de 2011).

conteúdos das frases acerca dos malefícios do fumo, o que representou mudanças nos textos, como, por exemplo: "fumar causa câncer de pulmão"; "fumar causa impotência sexual", tornando o enunciado "O Ministério da Saúde adverte: Fumar faz mal à saúde" menos frequente, nos maços de cigarro.

Em vista disso, entendemos que a expressão ficou evidente em certo prazo após sua explosão na mídia, consoante apregoa Baronas (2013, p. 119), "a efemeridade e a ampla circulação são os seus traços mais marcantes", tendo se transformado em um exemplo de metaforização, tendo em vista que não desapareceu ao longo do tempo. Tal fato se confirma quando constatamos que foi possível associar o enunciado "O golpe faz mal à saúde" com "Fumar faz mal à saúde".

§ 2º - A propaganda conterà, nos meios de comunicação e em função de suas características, advertência, sempre que possível falada e escrita, sobre os malefícios do fumo, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, segundo frases estabelecidas pelo Ministério da Saúde, usadas seqüencialmente, de forma simultânea ou rotativa. (Redação dada pela Medida Provisória nº 2.190-34, de 2001). (BRASIL, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, não se pode esquecer sobre a demanda social que o estudo representa, tendo em vista a necessidade de aprofundamento da Análise do Discurso no ambiente escolar, especialmente nas atividades de leitura, produção e interpretação de textos, um dos grandes desafios para o docente de Língua Portuguesa (como também de outras disciplinas), uma vez que, muitas vezes, a abordagem do assunto fica restrita à apresentada nos livros didáticos, fazendo com que o aluno perca a oportunidade de perceber o sentido de determinada interação.

Sabe-se que os exemplares de livros didáticos geralmente contemplam o conteúdo necessário à formação do aluno, mas, pela própria característica de serem textos impressos, não permitem ao discente perceber a produção de sentido (s) que é observada quando estamos diante da *internet*, a qual reúne características específicas do meio virtual, em virtude da velocidade e da interatividade que lhes são inerentes.

Logo, a pesquisa também poderá servir como ferramenta de trabalho para o professor, tendo em vista que ressaltará a importância da Análise do Discurso (AD), a qual permitirá ao aluno analisar obras literárias, notando conceitos como: discurso relatado, aforização, sobreasseveração, heterogeneidade, dentre outros, que possibilitarão um olhar mais abrangente da tessitura textual e que vão além do que é proposto na maioria das gramáticas da Língua Portuguesa. A partir do recurso à AD, constatamos que o universo de materiais investigado permitiu comprovar a multiplicidade de vozes existentes no discurso, a qual possibilita também uma diversidade de interpretações para um mesmo material observado.

A pesquisa também assume destaque quando se propõe a realizar uma reflexão acerca da noção de texto e contexto, já que o § 2º do artigo 1º da Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB) estabelece que “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”. Ainda, o art. 3º determina que “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”. Ou seja, há necessidade de articulação entre as áreas, de forma a possibilitar uma abordagem contextual e interdisciplinar dos conteúdos em diferentes disciplinas.

É necessário que o aluno possa perceber os efeitos de sentido produzidos nos textos trabalhados em sala de aula, a partir de sua própria vivência de mundo. Ao professor, em contrapartida, compete questionar as práticas docentes e realizar um movimento de aproximação permanente em direção aos seus alunos, acabando com a visão ultrapassada de que ele ocupa um lugar superior na sua atuação em sala de aula.

Ao longo da pesquisa foi possível constatar a amplitude dos princípios existentes na Análise do Discurso (AD), além da compreensão de conceitos como heterogeneidade, discurso relato, negação polêmica, dentre outros, e de que forma facilitam o entendimento acerca da linguagem e das interações, as quais afetam o discurso porque modificam a realidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN/VOLOSHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2006.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Forense, 1981. _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARONAS, Roberto Leiser. *Enunciação aforizante: um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira*. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

_____. Da panaforização à metaforização: o caso de uma pequena frase sem eira nem beira textual. *Revista da ABRALIN*, v.12, n.2, p. 219-248, jul./dez. 2013.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Plínio Dentzien (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Identidade*. Carlos Alberto Medeiros (trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELO, Toffoli diz que prefere chamar golpe militar de “movimento de 64”. *Revista Exame*, São Paulo, 1 out. 2018. Reuters. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/toffoli-cita-historiador-e-diz-que-brasil-teve-movimento-de-64/>. Acesso em: 01 out. 2018.

BRASIL. Planalto. Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996. Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal. Presidência da República, *Casa Civil*, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9294.htm. Acesso em: 20 dez. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo, Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. [PAULIUKONIS, A. L. & MACHADO, I. L.] São Paulo: Contexto, 2008.

_____. MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.

COELHO, Thaysa. *10 fatos sobre o uso de redes sociais no Brasil que você precisa saber*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/10-fatos-sobre-o-uso-de-redes-sociais-no-brasil-que-voce-precisa-saber.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2018.

DEUSDARÁ, Bruno; GESTEIRA, Paula. “O mundo não pode ser dividido em coxinhas e petralhas”: a construção de posicionamentos em torno do *impeachment*. *Desenredo*, Passo Fundo, RS, v. 14, n. 2, p. 298-316, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8052/114114274>. Acesso em: 05 out. 2018.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987, 222.

_____. Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e Sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989. (Tradução de Eduardo Guimarães).

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba, Paraná: Criar, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GAVAZZI, Sigrid.; RODRIGUES, Tânia Maria. Verbos *dicendi* na mídia impressa: categorização e papel social. In: PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. (Org.) *Texto e discurso: Mídia Literatura e Ensino*. São Paulo: Lucerda. 2003, p. 51-61.

JESUS, Aline. *Como usar o Twitter*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2012/02/como-usar-o-twitter.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

LEMO, Luana Santos. A subjetividade no discurso do outro. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, Jataí, GO, v.2, nº 02/2010, p. 120-132, dez. 2010. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/56.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MACEDO, Fausto; AFFONSO, Julia. “Golpe militar de 64 não é simples movimento”, dizem juízes. *Revista Exame*, São Paulo, 3 out. 2018. Conteúdo Estadão. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/golpe-militar-de-64-nao-e-simples-movimento-dizem-juizes>. Acesso em: 05 out. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 2 ed. Campinas: Cortez, 2002.

_____. *Cenas da Enunciação*. Trad. Sírio Possenti et al. Curitiba-PR: Criar, 2006.

_____. *Citação e destacabilidade*. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de (Orgs.). *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Trad. Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Aforizações políticas, mídias e circulação de enunciados*. Linguasagem, São Carlos, ed. 20, dez. 2012b. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fernanda Mussalim. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao21/>.

_____. *Frases sem texto*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo, Parábola, 2014.

_____. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.4, n.1, p. 79-111, 2001.

_____. A questão dos suportes dos gêneros textuais. *DLCV: Língua, Linguística e Literatura*, João Pessoa, v.1, n.1, p. 9-40, 2003.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. E XAVIER, A. C (org.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

RIBEIRO, Tiago da Silva. E-mail e blog: “gêneros textuais” ou veículos de comunicação? *Hipertextus*, n.2, Jan. 2009.

SILVA, Pollyanna Honorata; SILVA, Mariana Batista do Nascimento. Notícia: a fluidez de um gênero. *Anais do SIELP*. v. 2, nº 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SOUZA, Marilena Inácio de. *A pequena frase a esperança venceu o medo na imprensa cotidiana brasileira: uma leitura discursiva*. 2012. 253f. Tese (Doutorado em Ciência Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

TOMADA. *Dicionário online Dicio*, 15/11/2018. <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

VOA. *Donald Trump*: "Faremos a América grande novamente". Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/donald-trump-faremos-america-grande-novamente/3685211.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.